



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

O papel das redes sociais online na visibilidade e compreensão da comunidade trans em Portugal

Marta Cardoso Carvalho

Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Orientadora

Doutora Maria Cláudia Silva Afonso e Álvares, Professora Associada (Com Agregação)

ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Co-Orientadora

Doutora Sandra Palma Saleiro, Professora Auxiliar Convidada,

ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

outubro, 2023

Departamento de Sociologia

O papel das redes sociais online na visibilidade e compreensão da comunidade trans em Portugal

Marta Cardoso Carvalho

Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Orientadora

Doutora Maria Cláudia Silva Afonso e Álvares, Professora Associada (Com Agregação)

ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Co-Orientadora

Doutora Sandra Palma Saleiro, Professora Auxiliar Convidada,

ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

outubro, 2023

Agradecimentos

À professora Cláudia Álvares por todo o apoio que me deu na realização desta dissertação, mesmo com as chamadas de atenção ao longo deste processo, mas que não me deixou desistir e acreditou em mim e incentivou-me quando eu precisava de o ouvir. Por todas as reflexões académicas que me proporcionou enquanto professora e enquanto orientadora.

À professora Sandra Saleiro, que me sensibilizou para todas as questões relacionadas com a comunidade trans, e respondeu prontamente a todas as dúvidas que coloquei. Por fazer tanto na visibilidade e representação desta comunidade, e me inspirar no tipo de investigação com o qual me identifico.

Aos meus pais que sempre me mostraram a importância de seguir o que me fazia feliz, e que se esforçaram ao máximo para que eu pudesse estudar o que gostava, no sítio que queria.

À minha mãe que nunca me deixou desistir e me ouve sempre nos meus lamentos, a qualquer hora do dia, relativizando-os e dando-me o apoio emocional que preciso. Com quem partilho tudo.

Ao meu pai que sempre me proporcionou conversas (e, por vezes, debates) acerca do mundo, fazendo-me questionar e refletir sobre o mesmo, o que criou em mim um sentimento de justiça e me deu o interesse que tenho atualmente pelas questões políticas e pela luta social, comprovada nesta dissertação.

À minha irmã que sempre foi a minha melhor amiga, e com quem partilho todos os interesses, emoções, e o sentimento de casa. Sei que ao lado dela nunca me vou sentir sozinha, porque vamos ter sempre algo para partilhar.

Ao Diogo, que enquanto namorado, e já enquanto amigo, está sempre do meu lado, seja nas noites intermináveis em que me acompanhou na elaboração desta dissertação, seja em todos os momentos que partilhamos em conjunto. Por ser a minha versão masculina, e me compreender como ninguém, sei que nunca me deixará ficar mal.

À Maria João, que tanto me ensina sobre ser LGBTQ+, e me sensibiliza para estas questões, que partilha comigo o sentimento lutador em relação à luta feminista, e que nestes anos de amizade, sempre me ouviu nos momentos mais eufóricos e mais depressivos que passei.

Ao Diogo, que sempre teve toda a paciência do mundo para me rever os trabalhos que fiz ao longo da faculdade, incluindo esta dissertação, e que me ensinou tanto sobre ter uma amizade honesta, correspondida e presente. Por me inspirar tanto intelectualmente e academicamente.

À Mariana, Alice e João, por todas as conversas que partilhámos numa mesa de sushi, em que falamos de tudo e nada, mas por quem nutro profunda amizade, por terem sido uma das melhores partes deste mestrado.

À luta feminista por me ensinar tanto sobre mim enquanto mulher, por me mostrar que nunca devo parar de lutar pelos direitos que sei que mereço, e por me inspirar a lutar pelos direitos de quem, injustamente, ainda não os tem.

Por fim, uma palavra de agradecimento a toda a minha família, e a todas as pessoas que sempre estiveram do meu lado em qualquer situação da minha vida e que acreditaram em mim nas mais diversas áreas e situações. Todo o meu percurso académico é marcado de pessoas incríveis e que não esquecerei.

Resumo

As redes sociais online vieram alterar o contexto em que os movimentos sociais se inserem, assim como a sua forma de atuar na sociedade, dando-lhes mais visibilidade do que nunca e trazendo benefícios (e problemas) que seriam difíceis de atingir fora delas. Esta visibilidade tem consequências a vários níveis, nomeadamente no contexto *offline*, e na aceitação das pessoas que a eles pertencem. Esta dissertação pretende focar-se no papel que esta nova forma de comunicar tem, ou não, na luta pelos direitos LGBTQIA+, mais concretamente os direitos da comunidade trans, principalmente em relação à representação, compreensão e aceitação dos mesmos pela sociedade. Para observar este movimento nas suas potencialidades e dificuldades em Portugal, é importante definir os conceitos que o rodeiam, assim como contextualizá-lo legal e socialmente, com recurso a uma revisão de literatura. Posteriormente, através de uma análise de conteúdo temática, analisamos a presença *online* de um dos principais agentes que participam nos movimentos sociais – as associações formais e informais (plataformas digitais) – e tentamos perceber como estas utilizam a rede social Instagram para dar visibilidade e representação à comunidade pela qual lutam, e de que forma a mesma é recebida pelo público. Esta análise recorreu à escolha de 10 associações com diferentes objetivos, mas com um propósito comum, o de contribuir para a luta da comunidade trans e melhorar a qualidade de vida da mesma.

Palavras-chave: trans; visibilidade; LGBTQIA+; discriminação; comunidade; identidade de género

Abstract

Social media have come to alter the context in which social movements operate, as well as their way of engaging with society, giving them more visibility than ever and bringing benefits (and problems) that would be difficult to achieve without them. This visibility has consequences at various levels, particularly in the offline context and in the acceptance of the people who belong to these movements. This dissertation aims to focus on the role that this new form of communication has, or doesn't have, in the struggle for LGBTQIA+ rights, specifically the rights of the transgender community, especially concerning their representation, understanding, and acceptance by society. To examine this movement in its potential and challenges in Portugal, it is important to define the concepts surrounding it and to contextualize it legally and socially through a literature review. Subsequently, through a thematic content analysis, we examine the online presence of one of the key players in social movements – formal and informal associations (digital platforms) – and try to understand how they use the social network Instagram to provide visibility and representation to the community they advocate for and how it is received by the public. This analysis involved the selection of 10 associations with different objectives but a common purpose, which is to contribute to the fight for the transgender community and improve their quality of life.

Keywords: trans; visibility; LGBTQIA+; discrimination; community; gender identity

Índice

<i>Motivações</i>	1
<i>Introdução</i>	3
Questão de pesquisa e objetivos da dissertação	3
<i>Revisão de Literatura</i>	4
1.1 Conceptualização	4
1.2 Contextualização social e legal da UE e Portugal.....	9
<i>Abordagem Metodológica</i>	11
2.1 Análise de conteúdo	11
2.2 Estudo de caso	14
2.3 Escolha e caracterização da amostra	14
2.4 Codificação.....	16
<i>Apresentação e Discussão de Resultados</i>	18
3.1 Análise da codificação	18
Outros aspetos relevantes (para além das publicações).....	31
3.2 Análise temática	32
a. Contextualização e educação.....	32
b. Luta política e social.....	34
c. Representação e apoio	36
<i>Conclusão</i>	39
<i>Bibliografia</i>	41
<i>ANEXOS</i>	45

Índice de tabelas

<i>Tabela 1- Caracterização do perfil</i>	15
Tabela 2 - Codebook.....	19

Motivações

A motivação para realizar esta dissertação deriva de um conjunto de fatores. O tema da igualdade de género surge na minha vida ao longo do ensino secundário, em disciplinas como a Educação Sexual, dando um nome àquilo que, enquanto mulheres, sofremos a vida toda – a opressão machista. Sendo mulher, sinto que, tal como muitas outras, passo diariamente por um processo de descoberta, reflexão e desconstrução do que são os papéis e perspetivas atribuídas ao género feminino, e de que forma estes estereótipos me limitaram ao longo da minha formação enquanto pessoa. Por este motivo, à medida que fui ganhando cada vez mais conhecimentos sobre o assunto, percebi a necessidade e a urgência de consciencializar todas as pessoas que posso para a luta feminista, incluindo as que me rodeiam. Dentro deste movimento, encontramos várias correntes e lentes para o operacionalizar, e, por isso, torna-se relevante para perceber esta dissertação, marcar o meu posicionamento como mulher feminista interseccional.

O feminismo interseccional é uma corrente do feminismo, e da luta feminista, que reconhece as diferentes camadas de privilégio e opressão a que todos os indivíduos estão sujeitos (Crenshaw, 1991). Isto é, aquando de uma análise à opressão sentida pelas mulheres, esta não deve limitar-se a olhar para a discriminação com base no género, devendo conjugá-la com as múltiplas formas de opressão como a etnia, a classe, a orientação sexual, a identidade de género ou a diversidade funcional. Assim, de acordo com uma visão interseccional, enquanto pessoa, defino-me como uma mulher cisgénero, heterossexual, caucasiana, de classe média-alta, e sem quaisquer limitações motoras (Calderon-Cifuentes et al., 2021). É desta perspetiva que realizo esta dissertação, sendo a minha abordagem limitada às experiências que tive enquanto pessoa que não pertence à comunidade LGBTQI+ - pessoas lésbicas, gays, bissexuais, trans, queer, intersexo e com outras identidades de género e sexuais não normativas -, e que nunca sofreu discriminação com base na orientação sexual e na identidade de género (cisgénero).

Apesar do privilégio acima referido, não quis que este fosse impeditivo de realizar esta dissertação de mestrado relacionada com a comunidade trans. As minhas motivações derivam do contacto direto e diário que tenho com a comunidade LGBTQI+, seja através de partilhar amizade com pessoas da própria comunidade, seja de familiares, contacto com instituições, entre outros, o que me tem sensibilizado para a importância da luta pelos direitos desta comunidade. A forma como concebo a investigação académica e os seus

objetivos, olhando para a mesma sempre com um propósito ativista, fez-me querer orientar esta dissertação de mestrado para este movimento social, que me é tão próximo. A limitação de páginas desta dissertação não me permitiria abordar todas as identidades inerentes à comunidade LGBTQI+, e, por este motivo, o foco será na comunidade trans, já que esta continua a ser uma das comunidades minoritárias mais discriminadas e invisíveis na sociedade, e até dentro da comunidade LGBTQI+, na União Europeia (FRA, 2020) e a nível nacional. (FRA, 2020). Importa, inclusive, referir que me considero uma aliada desta comunidade, e que a minha posição em relação a este tema é pró-direito à autodeterminação de género, e pró-direitos trans. Esta razão, juntamente com a ligação que tenho ao movimento feminista interseccional, descrevem as minhas maiores motivações para esta tese. Sabendo, à partida, que não tenho experiências pessoais do assunto, e que falarei sempre de um lugar de privilégio, enquanto mulher cis, espero que esta dissertação possa, de alguma forma, chamar à atenção para a importância da educação e da representação, no que diz respeito às comunidades minoritárias, nomeadamente a comunidade trans. No mesmo sentido, desejo que a mesma sensibilize para o papel que as redes sociais possam ter nos movimentos sociais como a luta pelos direitos da comunidade LGBTQI+.

Introdução

Questão de pesquisa e objetivos da dissertação

Com o objetivo de conjugar aquilo que são as motivações para a realização desta tese, com uma análise do estado da arte neste tópico e as próprias áreas de estudo do mestrado, definimos como pergunta de partida ‘Qual o papel que as redes sociais online têm na visibilidade e compreensão da comunidade trans em Portugal?’.

Esta pergunta traz-nos a necessidade de traçar objetivos e definir perguntas mais específicas. Primeiramente, devemos enquadrar o tema que estamos a analisar, e, por este motivo, começaremos por realizar uma conceptualização e uma contextualização, de forma a definirmos os conceitos que vamos utilizar, e a perceber o enquadramento legal e social da comunidade que estamos a abordar, em Portugal e na União Europeia. Importa também, neste sentido, fazer uma reflexão sobre as medidas e leis a serem adotadas futuramente, de forma a eliminar a discriminação e a limitação ao usufruto das liberdades desta comunidade.

A análise empírica realizada nesta dissertação focou-se em organizações e plataformas diretamente ligadas com a comunidade trans e com a comunidade LGBTQI+ nas redes sociais online, uma vez que estas têm um papel predominante na luta pelos direitos destas comunidades, assim como na visibilidade das mesmas. Assim, podemos definir como o segundo objetivo desta dissertação perceber empiricamente qual a representação institucional e organizacional que a comunidade trans tem em Portugal, a nível das redes sociais online. Por último, numa tentativa de que esta dissertação possa ser estendida para outras comunidades, pretendemos retirar conclusões sobre o papel que as redes sociais online e a comunicação com recurso a estas plataformas podem ter na representação das comunidades minoritárias, muitas vezes invisíveis.

Partindo das motivações e dos objetivos acima descritos, temos como desejo primordial desta dissertação dar voz à comunidade trans portuguesa, assim como às organizações/plataformas analisadas, contribuindo para a luta desta comunidade, para além da contribuição para a produção de conhecimento científico.

Segundo Charles Ragin (1994), a investigação académica tem diversos papéis na sociedade, entre eles a oportunidade de percebermos a complexidade da vida social e a produção de conhecimento com potencial para transformar a sociedade. Este papel pode ser atingido através de trabalhos académicos que representem e incluam os grupos

marginalizados da sociedade de modo a que vejam as suas histórias e realidades representadas (Ragin, 1994). Segundo o autor, ao tentarmos dar voz a um grupo até aqui marginalizado, poderemos estar a contribuir para a produção de conhecimento com potencial para transformar a sociedade em que vivemos, e é essa a motivação central para esta dissertação. Por outro lado, ao centrar a investigação numa comunidade minoritária como a comunidade trans, fornecemos formas alternativas de compreender a sociedade (Ragin, 1994). Neste caso em particular, a pesquisa permitirá explorar diferentes conceções do que é a identidade de género e a sexualidade, indo para lá das conceções ‘*mainstream*’ acerca do tema – mais concretamente uma visão hétero e cisnormativa da sociedade. Sabendo que esta comunidade continua a ser discriminada e vítima de preconceito e transfobia em Portugal, a visibilidade e representação que pode ser dada em investigações como esta torna-se relevante para dar a conhecer e informar a sociedade do que tem sido a luta e o movimento social em volta da Comunidade LGBTQI+.

Esta dissertação será dividida em duas partes. Inicialmente, será realizada uma revisão teórica com base na literatura existente relacionada com os conceitos ligados à comunidade trans e às redes sociais online, seguida de uma contextualização social e legal da comunidade. Posteriormente, será apresentada a parte prática desta dissertação, que será realizada através de uma análise de conteúdo com a intenção de responder aos seus diversos objetivos.

Esta dissertação irá recorrer ao uso de linguagem neutra, mais concretamente a neolinguagem, de modo a incluir todas as identidades de género referidas ao longo da mesma, como a não-binária. Isto irá traduzir-se no uso de ‘es’ em palavras genderizadas.

Capítulo 1

Revisão de Literatura

30.1 Conceptualização

Vivemos numa sociedade heterogénea constituída pelos mais diferentes grupos sociais, que podem ser divididos por classe social, etnia e identidade de género, por exemplo. A evolução histórica e cultural tem contribuído para que existam grupos na sociedade que prevalecem sobre outros, criando aquilo a que podemos chamar *mainstream* (Ragin, 1994).

No que diz respeito ao Ocidente, estes grupos ‘*mainstream*’ são constituídos por pessoas caucasianas, heterossexuais, cisgénero, e geralmente de classe socioeconómica média-alta (Oh, 2015). Consideramos estes grupos ‘*mainstream*’ já que as suas vidas são representadas com frequência em várias arenas da sociedade, entenda-se os media – programas televisivos, por exemplo – e mesmo o conteúdo que é lecionado nas escolas, principalmente a nível da educação sexual, continua a caracterizar-se por ser heteronormativo e pouco inclusivo (Manduley et al., 2018). Assim, por oposição a estes grupos ‘*mainstream*’, permanecem na sociedade, grupos marginalizados a quem não é dada voz e cujas vidas são mal representadas, ou não são representadas de todo (Ragin, 1994). Esta falta de representação dos diferentes espectros de identidades contribui para que continue a existir discriminação e preconceito entre os vários grupos sociais, nomeadamente a comunidade LGBTQI+ e por consequência, a comunidade trans.

As redes sociais online têm sido palco de debates relacionados com movimentos sociais, onde podemos inserir as questões de género e as questões referentes à comunidade LGBTQI+ (e por consequência a comunidade trans). No entanto, importa definir alguns conceitos antes de analisarmos a natureza destes debates.

Em primeiro lugar, torna-se importante fazer uma distinção entre os conceitos de sexo e o de género, que estão na base da compreensão das questões trans, para além da importância que têm na produção e regulação de discurso e significados, assim como de normas de género. Efetivamente, os conceitos de ‘sexo’ e ‘género’ aparecem com frequência relacionados e confundidos, ainda que os seus significados sejam diferentes, assim como a forma como as pessoas os vivem.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), o termo ‘sexo’ deve ser utilizado para nos referirmos às características biológicas que definem as pessoas enquanto ‘homem’ e ‘mulher’, nos casos em que são mutuamente exclusivos (World Health Organization, 2023). Acrescenta-se ainda os casos em que estas características não são rigidamente definidas, não correspondendo biologicamente a um corpo feminino ou masculino (Gato, 2022). Adotando outra perspetiva do conceito, ‘sexo’ representa a forma de descrevermos a parte biológica e material dos corpos (Beasley, 2005). Sendo definido à nascença, inclusive em Portugal, podemos considerar o ‘sexo’ uma categoria biológica e legal, já que tem consequências nesses níveis futuramente (exemplo: documentos de identificação que contêm essa informação).

No que diz respeito ao ‘género’, este termo refere-se à construção e categorização social e cultural das pessoas, tendo em conta a sua distinção biológica (Beasley, 2005), o que se reflete em práticas, papéis e expressões associadas a cada género (Gato, 2022). Pela dependência social que o ‘género’ demonstra, podemos afirmar que o mesmo é variável, já que, consoante o contexto em que o analisamos, as noções, padrões e expectativas alteram-no (Diamond, 2002). Por outras palavras, as lentes usadas pela sociedade Ocidental para perceber o género e os papéis de género, serão diferentes das usadas pela sociedade Oriental, ou pelos países do Sul Global, caracterizando-se como um conceito que evolui no espaço e tempo. Na sociedade Ocidental, o conceito de ‘género’ é utilizado para nos referirmos à divisão binária (masculino/feminino) dos seres humanos e das práticas sociais, mesmo que esta divisão produza e perpetue relações hierárquicas e binárias entre os géneros (Beasley, 2005).

Os padrões sociais e culturais que criamos enquanto sociedade, levam-nos a desenvolver uma expectativa em relação a cada género, associando comportamentos sociais, papéis, estética, entre outros, a um determinado género. Contudo, enquanto conceito construído socialmente, o género tem assumido diversas definições e formas de o teorizar. Por volta dos anos 90, surgiu a necessidade de expandir os estudos de género às diferentes formas de feminilidades e masculinidades. Ou seja, em vez de adotar uma estrutura rígida e estática, deu-se ênfase à fluidez que o conceito poderia proporcionar. Assim, a análise deixaria de se basear no masculino e feminino, mas na forma como cada pessoa pode desmarcar-se, acentuar e reforçar os papéis que lhe são atribuídos seja entre homens e mulheres, como entre pessoas do mesmo sexo (Pereira, 2012). Isto tem como consequência o fim da existência de apenas um papel ‘feminino e masculino’. Candace West e Don Zimmerman em *Doing Gender* (1987) defendem que ao agirmos de acordo com as normas sociais (atitudes e atividades) que são mais apropriadas ao nosso sexo (atribuídas pela sociedade), estamos a “fazer género”. Este argumento apresenta-se como base da teoria de Judith Butler (1990) de performatividade de género, que o complementou defendendo que o género pode ser analisado como um conjunto de performances cuja repetição tem como consequência uma cristalização ao longo do tempo, o que cria uma ilusão de que existe de facto uma identidade de género natural, e inata, o que não corresponde à realidade (Pereira, 2012). Esta forma de interpretar o género tem um impacto direto na forma como cada pessoa interpreta a sua identidade de género.

Segundo Judith Butler (1990), aquela depende da história pessoal e cultural dos indivíduos assim como dos significados recebidos ao longo da vida, nomeadamente das práticas repetidas referidas anteriormente (Pereira, 2012). O objetivo da autora passa por demonstrar a possibilidade de se subverter a dicotomia entre masculinidade e feminilidade recorrendo a performances ‘confusas’, que dependem de contextos históricos, temporais, classes, etnias, sexualidade, entre outras formas de interseccionalidade.

Estes conceitos, ‘sexo’ e ‘género’ têm um impacto direto na vida das pessoas, condicionando-as socialmente, o que influencia a forma como vivem a sua própria identidade, e como expressam a mesma. Neste sentido, para compreender estas questões, não nos podemos limitar aos conceitos de género e sexo, mas antes recorrer ao de ‘identidade de género’. A identidade de género refere-se ao sentimento interno e à experiência individual de uma pessoa com o género, que pode corresponder ou não ao sexo atribuído à nascença (ILGA-Europe, 2022). Inclui a forma como alguém se sente com o seu corpo, e expressões de género como vestuário, discurso e maneirismos (*ILGA-Europe*, 2022). Tal como os conceitos de ‘género’ e ‘sexo’ não são sinónimos e não devem ser associados, também a identidade de género atua de forma independente dos mesmos – e é por este motivo que podem existir divergências relativamente ao sexo e género atribuído previamente.

Neste sentido, ao longo da dissertação, utilizaremos ‘cisgénero’ para nos referirmos a pessoas que se identificam com o sexo que lhe foi atribuído à nascença (Saleiro et al., 2022), e que se encontram no espectro binário (masculino/feminino). Por oposição, aplicaremos o termo ‘trans’ aquando a referência a pessoas cuja identidade não coincida com o género atribuído ao nascimento (Gato, 2022). Este grupo pode incluir pessoas transgénero, não-binárias, poligénero, agénero, entre outras formas de identidade de género (Calderon-Cifuentes et al., 2021). Importa ainda reforçar a ideia de que a identidade trans não requer necessariamente intervenções médicas, e que pode ser fluída.

A comunidade trans é uma das comunidades mais discriminadas e invisíveis na sociedade, como será demonstrado no próximo capítulo. Isto deve-se, sobretudo, à falta de representação e visibilidade que é dada a estas pessoas, gerando um desconhecimento generalizado sobre as suas identidades. Este desconhecimento é reforçado pelos preconceitos que foram criados ao longo do tempo, assim como pela vivência numa sociedade cisnormativa e cisheteronormativa, que não só privilegia, como considera ‘padrão’ as pessoas cisgénero e heterossexuais, prejudicando todos os que não o são

(Worthen, 2016). Esta cultura favorece este tipo de relações e identidades, o que resulta numa estigmatização dos indivíduos que “não se encaixam nas normas de género e sexuais” (Ramalho & Santos de Menezes, 2022: 171), tendo como consequência a discriminação e a transfobia. A transfobia, ou seja, “o medo, a antipatia, a aversão ou o ódio irracional a pessoas trans (e não binárias)” (Ramalho & Santos de Menezes, 2022: 171) permanece em Portugal e a nível global, tendo resultado em mais de 327 mortes entre outubro de 2021 e 30 de novembro de 2022 (TMM Numbers, 2023).

A comunicação pode ser uma relevante aliada das comunidades minoritárias. Alguns estudos realizados até agora têm procurado perceber a representação mediática que é dada à comunidade nos meios de comunicação tradicionais como a televisão, rádio e jornais. Autores como Waggoner (2018), McInroy & Craig (2015) e Davies (2010) concluem que tem existido uma sub-representação da comunidade LGBTQI+ nestes meios de comunicação, não existindo personagens e conteúdo mediático que reflitam os diversos tipos de orientação sexual e de identidade de género e, por isso, contribuindo para a exclusão e marginalização desta comunidade. As representações apresentadas nos média são importantes para dar visibilidade às comunidades minoritárias e discriminadas, uma vez que dão a conhecer os vários grupos sociais presentes na sociedade e permitem ao resto das pessoas obter informação acerca destes grupos (Hanckel et al., 2019b).

Exemplo disto é a importância que o surgimento das redes sociais online teve nas formas de comunicar e representar as mesmas, entre elas a Comunidade LGBTQI+, incluindo especificamente a comunidade trans. Com esta dissertação pretendemos demonstrar e reforçar qual o lugar destes novos média na sociedade civil, principalmente no que diz respeito aos movimentos e organizações LGBTQI+. Para o fazer, definimos o conceito de Redes Sociais Online (RSO) como um conjunto de serviços na Internet, que permite às pessoas, comunidades e organizações colaborar, conectarem-se, interagirem e criar conteúdo de forma acessível (McCay-Peet & Quan-Haase, 2016). As RSO situam-se em plataformas digitais, como aplicações, e juntam em si a possibilidade de produzir e partilhar conteúdo, reforçar as relações interpessoais e a comunicação pública (Burgess et al., 2018).

Estas plataformas têm sido cada vez mais utilizadas pelos média tradicionais, para promover notícias, jornais online, e para dar visibilidade a vozes alternativas, potenciando novas formas de expressão cultural e de consumir informação (Lissitsa & Kushnirovich, 2021). No que diz respeito à Comunidade LGBT+, esta tem utilizado os média e as RSO

como forma de se organizar, criar grupos de trabalho e conseguir representação e importância política (Costanza-Chock & Schweidler, 2017). Esta utilização é importante não exclusivamente para as pessoas que constituem a comunidade trans, mas também para as organizações que a representam, objeto de estudo desta dissertação e para os média. Estas instituições e organizações constroem, com o tempo, uma relação de dependência mútua com os média, necessitando dos mesmos para atingir a representatividade que pretendem e transmitir a sua mensagem ao público, ao mesmo tempo que contribuem para o rigor do conteúdo informativo apresentado pelos média à população (Billard, 2021). No fundo, os média potenciam a mudança e a transformação, dando espaço a debates acerca dos movimentos sociais no sistema mediático, e à representação dos mesmos. Este processo tem o nome de “*Transformative Media Organizing*” (Costanza-Chock & Schweidler, 2017).

1.2 Contextualização social e legal da UE e Portugal

Os movimentos civis e as organizações ligadas à comunidade LGBTQI+, no contexto português e europeu, têm sido fundamentais na criação e posterior manutenção dos seus direitos. No que diz respeito à União Europeia, a obtenção destes direitos tem sido desigual entre os países que a constituem, não podendo, por isso, afirmar-se que existe uma uniformidade a nível europeu nos avanços ou recuos destes direitos. Por este motivo, ainda somos confrontados/as/es com elevados níveis de discriminação nesta região, onde tem existido uma reduzida incorporação de leis inclusivas por parte de alguns países europeus, principalmente quando nos focamos na comunidade trans (Calderon-Cifuentes et al., 2021).

Como exemplo, podemos mencionar os dados recolhidos pelo relatório ‘*Trans Discrimination Europe*’ relativo ao ano de 2019 (Calderon-Cifuentes et al., 2021). Este relatório permite-nos ter uma visão geral dos avanços que têm sido feitos recentemente a nível legal e social no contexto europeu, assim como destacar os países mais inclusivos nesse âmbito. Nestes países podemos realçar Malta, Finlândia, o Luxemburgo e a Holanda cuja legislação se tem tornado cada vez mais inclusiva, o que contribui para que os níveis de satisfação da comunidade trans com as suas condições de vida sejam os mais altos da União Europeia. A par destes, importa mencionar a Alemanha, já que é o país que tem mais pessoas a realizar alterações de nome e género oficialmente, e a Malta e a Islândia enquanto únicos países da União Europeia que reconhecem a existência e autodeterminação de pessoas não binárias.

Apesar desta evolução positiva nalguns países da União Europeia, como referido anteriormente, esta comunidade continua a ser uma das mais discriminadas da UE, apresentando um nível de satisfação com a sua vida inferior ao da média das pessoas dos respetivos países (Calderon-Cifuentes et al., 2021). Não só sentem inibição para se expressarem física e socialmente, como têm menos acesso a condições de vida básicas como a habitação – 59% das pessoas trans migrantes relatam já terem experienciado uma situação de sem-abrigo e 79% relata ter dificuldade no acesso à habitação na UE (Calderon-Cifuentes et al., 2021).

Portugal tem demonstrado preocupação para com as questões legais relacionadas com a comunidade LGBTQI+ desde 1982, demonstrada pela aprovação de direitos como o casamento entre pessoas do mesmo sexo (2010), adoção entre pessoas do mesmo sexo (2016), e o direito à autodeterminação de identidade e expressão de género (2018) (Saleiro, 2022). Esta última marca um avanço significativo nos direitos adquiridos legalmente pela comunidade trans, uma vez que sucede à Lei n.º 7/2011, de 15 de março, que apenas permitia a alteração de nome e menção ao sexo, dependendo de uma certificação médica – considerando, assim, que ser trans era uma patologia. A Lei n.º 38/2018, 2018 estabeleceu um processo de autodeterminação de género e estendeu o direito à autodeterminação à educação, adotando medidas que promovam o respeito pela identidade e expressão de género nas escolas. Nos últimos anos, as maiores reivindicações relativamente à identidade de género da comunidade LGBTQI+, assim como dos seus respetivos aliados, dizem respeito à possibilidade de incluir pessoas não binárias nos documentos de identificação, ou simplesmente retirar a identificação de sexo destes documentos para que estes não possam ser usados como forma de discriminação desta comunidade. Ainda neste sentido, pretende-se que qualquer pessoa tenha acesso à transição legal, e não só cidadãos com nacionalidade portuguesa (Saleiro, 2022). Recentemente, estes movimentos lutaram e vocalizaram a necessidade de criminalizar as terapias de conversão sexual e de género, medida que aprovada em 2023.

Ainda que no âmbito legal Portugal seja um dos países com avanços mais rápidos, a nível social continuamos a ser confrontados com formas de discriminação para com a comunidade LGBTQI+, inclusive a comunidade trans, em todo o tipo de ambientes: escolar, familiar, saúde, espaço público. Esta discriminação passa pela dificuldade sentida no acesso à habitação, no *bullying* e exclusão escolar (promovida por uma educação sexual muitas vezes pouco inclusiva), pela pouca formação dada aos/as/es profissionais de saúde

em assuntos relacionados com a comunidade LGBTQI+, tendo em conta todos estes fatores consequências na forma como estas pessoas vivem. Isto é confirmado pelos dados fornecidos pela plataforma Equaldex (2023) – base de dados global colaborativa acerca do movimento e dos direitos da comunidade LGBTQ+ – em que Portugal é avaliado com 89/100 no que diz respeito aos avanços e direitos legais, mas apenas com 60/100 quando a análise se foca na Opinião Pública, onde 85% dos inquiridos/as/es afirma existir (muita) discriminação para com a comunidade trans (*Equaldex*, 2023), valores ainda assim superiores ao resto da Europa que soma 46/100 neste tópico. Neste sentido, também o relatório *Trans Discrimination in Europe* avalia Portugal como 5.6/10 em relação à satisfação com a qualidade de vida entre pessoas trans (Calderon-Cifuentes et al., 2021). No entanto, estes dados ainda não refletem as mudanças legais realizadas em 2018 sobre a autodeterminação de género; efetivamente o relatório acima referido apenas retrata dados de 2019, o que pode ser considerado recente para comprovar melhorias (ou não) a nível social.

Concluindo, apesar da maioria dos direitos LGBTQI+ já se encontrarem reconhecidos legalmente quer em Portugal, quer na União Europeia enquanto instituição, ainda nos deparamos com elevados níveis de discriminação, transfobia e exclusão para com a comunidade LGBTQI+, e em especial com a comunidade trans.

Capítulo 2

Abordagem Metodológica

2.1 Análise de conteúdo temática

Sendo esta uma dissertação que tem como objetivo principal dar voz a um grupo marginalizado, permitindo a partilha de histórias e de experiências desse grupo, a análise qualitativa através da execução de entrevistas semiestruturadas parecia, à partida, a melhor opção de metodologia. No entanto, existem questões éticas, a ser colocadas ao longo de um trabalho de investigação, que podem influenciar o tipo de metodologia a utilizar. Segundo Ragin (1994), deparamo-nos com um dilema ético quando uma pessoa individual ou uma organização é confrontada com uma situação em que existia tensão entre dois ou mais princípios éticos. No caso particular desta dissertação, havia diferentes aspetos a ter em conta. Primeiramente, facilmente podíamos cair num ‘ethical concert’ (Ragin, 1994), ou

seja, tratar as várias pessoas a entrevistar como um objeto de investigação em vez de as tratarmos enquanto pessoas individuais. Em segundo lugar, ao trazermos as pessoas que estamos a investigar para a nossa pesquisa, através de entrevistas, podemos contribuir para que as mesmas sejam lembradas de experiências traumáticas, ou que tenham tido um impacto negativo ao longo da sua vida (Ragin, 1994). Assim, mesmo que exista um contacto reduzido e que os/as/es investigadores recorram a métodos pouco intrusivos para com os/as/es participantes, a partir do momento em que existe essa interação, aqueles podem influenciar e ter impacto na vida destas pessoas (Ragin, 1994).

No caso desta dissertação existem duas dimensões a chamar à atenção. Uma vez que a vivência da comunidade trans continua a caracterizar-se pela discriminação e marginalização em Portugal, as pessoas pertencentes a esta comunidade reúnem em si um conjunto de traumas e de experiências negativas. Assim, ao serem lembradas dessas experiências no contexto de entrevistas semiestruturadas, as mesmas podem ter uma influência direta no seu bem-estar, o que vai contra o objetivo desta dissertação que passa por dar voz e empoderar esse grupo. Para além deste ponto, nos últimos anos, têm sido elaborados vários trabalhos de pesquisa, nomeadamente dissertações, onde são contactadas pessoas trans e por isso, estas pessoas são recorrentemente usadas enquanto ‘objeto’ de investigação.

Por estes motivos, e para contornar os problemas éticos que poderiam advir de uma análise qualitativa baseada em entrevistas, nesta dissertação iremos optar-se pelo método da análise qualitativa de conteúdo temática das redes sociais online de organizações e plataformas ligadas a esta comunidade, em que não será necessário efetuar um contacto direto com o ‘objeto’ de investigação. A análise qualitativa de dados é descrita por Flick (2014) como a classificação e interpretação linguística de dados, que tem como consequência a elaboração de inferências implícitas ou explícitas do material observado, tentando retirar significados subjetivos do que está representado. Este tipo de análise tem como objetivo descrever, por exemplo, experiências específicas de pessoas individuais ou de um grupo e perceber de que forma estas se ligam (Flick, 2014). Sendo esta uma dissertação com foco num grupo minoritário como a comunidade trans, a análise qualitativa pareceu a mais indicada, já que permitiria retirar significados implícitos dos dados recolhidos, e refletir sobre as intenções por detrás dos mesmos.

Este objetivo é complementado pela escolha da análise de conteúdo qualitativa. Este método de análise caracteriza-se por ser um método de descrição dos significados de

dados qualitativos (Schreier, 2014), que no caso desta dissertação diz respeito à informação retirada de publicações de Instagram, consistindo por isso, sobretudo em texto.

Para aplicar este tipo de metodologia, precisamos de seguir alguns passos cruciais para a sua execução. Em primeiro lugar, é importante que a pessoa que está a investigar examine todo o material relevante para a questão de pesquisa (Schreier, 2014) – passo que será desenvolvido ao longo da caracterização da amostra. Em segundo lugar, esta análise deve envolver a criação de códigos para analisar os dados recolhidos, a definição de cada um deles e a sua descrição (Schreier, 2014). No caso desta dissertação, a análise dos códigos resultará na definição de vários temas que agrupem em si vários códigos e facilitem a tomada de conclusões e a interpretação dos resultados. A análise de conteúdo qualitativa pode ser realizada através de duas formas diferentes de trabalhar a informação: 1) *concept-driven* que significa basear os códigos a criar em conhecimento prévio, como pesquisa teórica, conhecimento do dia-a-dia, lógica, entre outros (Schreier, 2014) ou 2) *data-driven*, método escolhido para esta dissertação, que consiste na adoção de ‘*subsumption and progressive summarizing*’, ou seja, ler e rever parte significativa da informação recolhida, definir os códigos através dos conceitos relevantes que forem surgindo com a análise, testá-los e, posteriormente, proceder à aplicação desses códigos aos segmentos (Schreier, 2014). Este processo só terá fim quando se atingir um ponto em que não haja mais informação relevante a adicionar à análise. Para além disso, deve recorrer a uma combinação entre a teoria previamente estudada sobre o tema e uma visão geral dos dados, de forma a perceber o que deve ser considerado, ou não, relevante para a pesquisa (Schreier, 2014). No que diz respeito a esta dissertação, inicialmente recorreremos em parte a um modelo *concept-driven*, já que o nosso objetivo principal seria o de responder a uma pergunta de partida previamente teorizada. Mas na restante dissertação, considerou-se que o método *data-driven* consistiria numa melhor forma de categorizar a informação, já que permitiria realizar uma análise mais representativa.

Este modelo de análise de conteúdo pode ser associada a uma perspetiva indutiva de trabalhar os dados, já que o ‘*framework*’ é definido com base na informação encontrada (Caulfield, 2019), ou seja, a categorização é realizada depois de se estar na posse de todos os dados a analisar, e de se ter uma visão geral dos mesmos.

2.2 Estudo de caso

Ao longo desta secção iremos descrever todo o processo de análise de conteúdo temática utilizado nesta dissertação, o qual teve como objetivo responder às questões principais desta dissertação – qual a representação que a comunidade trans em Portugal tem nas RSO. Para o fazer, vamos inicialmente descrever como foi realizada a recolha e escolha do conteúdo a ser analisado posteriormente, apresentando os passos e, por fim, caracterizando a amostra selecionada.

2.3 Escolha e caracterização da amostra

Primeiramente, esta análise de conteúdo pretenderá demonstrar qual o impacto das redes sociais online na visibilidade e compreensão da comunidade trans (e a comunidade LGBTQI+) em Portugal. Para isso, e dada a impossibilidade de analisar todas as redes sociais utilizadas em Portugal, decidimos focar-nos em apenas uma – o Instagram.

A escolha desta plataforma como representação das RSO recai num conjunto de fatores. Em primeiro lugar, segundo o relatório *‘Portugueses e as Redes Sociais 2021’* do Grupo Marktest, o Instagram é a rede social mais atual, mais interessante e que os/as/es utilizadores mais gostam, logo, à partida, sentir-se-ão mais confiantes para serem autênticos e para consumirem conteúdo em concordância com as suas identidades individuais. Para além disso, era, em 2021, a Rede Social Online mais utilizada por pessoas jovens (idades compreendidas entre 15 e 24 anos) (Grupo Marktest, 2021). Isto deve ser tido em conta na decisão, já que esta faixa etária diz respeito ao setor da população que mais recorre às redes sociais para obter novas informações, para expressar a sua identidade e para comunicar.

Em relação aos perfis / plataformas de Instagram escolhidas para analisar, a escolha de dez deve-se à necessidade de ter uma amostra que nos permita realizar inferências e retirar conclusões, ainda que limitadas a este estudo de caso. Neste sentido, foram escolhidos os dez perfis de organizações / plataformas mais seguidos no Instagram – já que a pergunta de partida trata de visibilidade – e cujo foco seja exclusivamente a comunidade LGBTQI+ ou a comunidade trans. Houve também um esforço no sentido de escolher perfis que versassem diferentes abordagens ao tema, como a social, a pessoal, a empresarial e a organizacional.

Assim, escolheram-se os seguintes perfis no Instagram para analisar: @trans.missao; @casa_t_lisboa; @plataforma.transparente; @associacaoanemona;

@centro_gis @trans_education_pt; @ilgaportugal; @dezanove.pt; @redeexaequo; @opusdiversidades.

No que diz respeito a estes perfis, eles dividem-se entre associações / organizações legal e formalmente constituídas – que utilizam o Instagram como forma de promover o seu trabalho e chegar a mais pessoas –, e plataformas digitais criadas com o propósito de dar visibilidade a estas questões e de educar quem as segue. Tanto as organizações como as plataformas digitais seleccionadas têm o cuidado de, na sua maioria, ter os perfis geridos por membros da própria comunidade, de forma a ser o mais representativo possível, o que constitui só por si, uma forma de dar visibilidade e voz a estas comunidades.

Na tabela seguinte é possível observar a caracterização dos perfis seleccionados, assim como o nº de seguidores que cada um tinha até ao dia 10 de setembro de 2023. Esta distinção é importante, uma vez que, as organizações têm responsabilidades para com os seus membros, que as plataformas não têm. O número de seguidores permite-nos perceber que visibilidade estes perfis têm a possibilidade de atingir.

Perfil	Tipo de perfil	Nº de Seguidores
@trans.missao	Organização / Associação	4168
@redeexaequo	Organização / Associação	7717
@associacaoanemona	Organização / Associação	5407
@centro_gis (associação plano I)	Organização / Associação	2289
@Casa_t_lisboa	Organização / Associação	10600
@ilgaportugal	Organização / Associação	25800
@opusdiversidades	Organização / Associação	12700
@trans_education_pt	Plataforma Digital	1385
@dezanovept	Plataforma Digital	15400
@plataforma.transparente	Plataforma Digital	2481

Tabela 1- Caracterização do perfil, realização com recurso à plataforma MAXQDA

Para esta dissertação optou-se por analisar 20 publicações de cada um dos perfis seleccionados, procurando-se criar uma amostra representativa do trabalho dos mesmos. Esta escolha teve como principal critério as publicações terem sido feitas depois do ano de 2018, até ao momento presente, já que 2018 representa o ano em que se realizaram

alterações legais significativas para a comunidade trans. Para além disso, as publicações foram escolhidas de forma aleatória, não havendo enviesamento em relação aos temas mencionados nas mesmas. No que diz respeito à análise das publicações escolhidas em concreto, cada publicação inclui imagem, texto, *hashtags* usadas e os comentários associados. Já nos perfis, analisou-se também as descrições de cada um. Para a análise de conteúdo recorreremos a um sistema de codificação de elaboração própria.

2.4 Codificação

Em primeiro lugar, após a seleção das publicações a analisar, foi importante familiarizar-nos com todo o conteúdo que tínhamos disponível, o que passou pela sua leitura e inserção na plataforma MAXQDA. Esta familiarização contribuiu quer para perceber quais os temas mais recorrentes nestas páginas, quer para nos dar uma perspetiva sobre a codificação que viríamos a adotar. Como referido anteriormente, esta análise de conteúdo recorre à indução, logo os temas e a forma como estes são analisados derivam dos dados disponíveis (Kiger & Varpio, 2020). Esta familiarização foi concluída depois de selecionados os conceitos e excertos mais relevantes para a análise.

De seguida, com o recurso à plataforma MAXQDA, criámos códigos com base nestes excertos selecionados previamente, tentando abranger da forma mais vasta possível toda a informação recolhida. Segundo Ryan & Bernard (2003) podemos definir código como um segmento, ou elemento dos dados e da informação a que atribuímos um significado. Estes códigos dependem também das conclusões da revisão de literatura e dos temas lá abordados. Para além disso, foram criados recorrendo a manipulação textual, implicando sublinhar, cortar e trabalhar os textos, de modo a organizar e a obter uma visão concreta acerca da informação recolhida (Ryan & Bernard, 2003). Neste sentido, elaboramos um codebook em que mostramos os códigos escolhidos para realizar a análise de conteúdo, e em que os definimos (tabela 2). Posteriormente, aquando da realização da análise, será explicado quais os critérios de pertença a cada código.

Um dos maiores problemas da análise qualitativa de conteúdo é a subjetividade na análise e a falta de *'reliability'*. Para o combater, os/as/es investigadores geralmente recorrem a outras pessoas, que realizam uma codificação às cegas, e dessa forma garantem a transparência e a *'objetividade'* do que é considerado relevante ou não (Schreier, 2014). Devido à escassez de recursos para recorrer a alguém que realizasse esta codificação, para esta investigação realizou-se duas vezes uma codificação dos dados. Após colocar as duas

codificações em confronto, retirámos códigos que não foram considerados relevantes na segunda codificação. Por este motivo, é importante assinalar as diferenças entre codificações antes de passar ao processo de análise dos mesmos.

Numa fase inicial, ou seja, na *'pilot phase'* a codificação possuía 283 correspondências inseridas nos respetivos códigos. Após esse confronto, adotámos 258 correspondências até ao fim da análise de conteúdo repartidos por 11 códigos. Apesar de quase todos os códigos possuírem correspondências assinaláveis, à exceção do código 'Estudos de Investigação', os códigos com mais segmentos codificados são os 'Apoio e Formações', o 'Celebrações' e o 'Explicações (Definições) e Dados', com 47, 46 e 45 correspondências respetivamente.

De seguida, com recurso à plataforma MAXQDA fizemos uma descrição do conteúdo de cada código, retirando as informações consideradas mais relevantes, e tentando resumir o quanto possível os excertos codificados. Nesta parte do processo recorremos a técnicas como análise textual nomeadamente análise de palavras, temas-chave de cada um dos códigos, entre outras (Ryan & Bernard, 2003). Na dissertação não só expomos a análise que foi feita de cada código (sobretudo descritiva), como escolhemos apresentar uma citação que demonstre o tipo de segmento que cumpre os critérios para pertencer a cada código.

Posteriormente, estes resumos serão utilizados como forma de delinear os temas e realizar a análise de conteúdo temática. Os temas são analisados com base em duas dimensões: semântica – em que a análise é maioritariamente superficial e descritiva, e *'latent'* que corresponde a uma análise mais profunda baseada em presunções sobre os dados (Kiger & Varpio, 2020). A opção pelas duas formas de análise justifica-se apenas com a intenção de realizar uma análise mais completa aos dados que temos, sabendo, no entanto, que todas as perspetivas adotadas ao longo desta dissertação, como inferências devem ser comprovadas e validadas posteriormente (Schreier, 2014).

Por fim, a análise temática será realizada agrupando os códigos definidos, como referido previamente com temas definidos tendo em conta o contexto e os dados que cada código oferece. Os temas são 'Contextualização e Educação' que agrupa os códigos 'Referências', 'Celebrações' e 'Explicações (Definições) e Dados'; Luta Política e Social com os códigos 'Manifestações', 'Estudos de Investigação', 'Denúncias' e 'Questões Políticas e Legislação', e, por último, 'Representação e apoio' com os códigos 'Apoio e Formações', 'Divulgação', 'Visibilidade Direta' e 'Eventos / Encontros'.

Todo este processo recorreu à plataforma MAXQDA.

Capítulo 3

Apresentação e Discussão de Resultados

3.1 Análise da codificação

Lista de Códigos		Descrição	Correspondências
			258
Publicações		Inclui conteúdo publicado pelas páginas em formato imagem, <i>reels</i> , vídeo, e inclui as descrições associadas.	
Contextualização e educação			
	Referências	<i>Posts</i> que façam referência a todo o tipo de figuras LGBTQI+, assim como momentos importantes, nomeadamente históricos, culturais, políticos, da área da saúde, entre outros.	20
	Celebrações	<i>Posts</i> publicados com o objetivo de assinalar / celebrar dias importantes para a comunidade LGBTQI+, assim como 18eteronormati-los.	46
	Explicações (Definições) e Dados	<i>Posts</i> que pretendem explicar todo o tipo de definições relacionadas com a comunidade, o que pode incluir a visão de alguém da comunidade sobre os conceitos que lhe dizem respeito. Pertencem também a este código referências a estudos estatísticos relacionados com a comunidade LGBTQI.	45
Luta Política e Social			
	Manifestações	<i>Posts</i> que têm o objetivo de convidar as pessoas, sejam elas LGBTQI+ ou não, para manifestações. Para além disso, inclui <i>posts</i> que promovem a importância das manifestações e manifestos associados as mesmas.	16

	Estudos de Investigação	<i>Posts</i> que apelem à participação em estudos de investigação que visem a comunidade trans e / ou LGBTQI+.	4
	Denúncias	<i>Posts</i> que denunciem atos de discriminação praticados contra pessoas trans, sejam eles físicos, online ou praticados pelos meios de comunicação.	14
	Questões Políticas e Legislação	<i>Posts</i> que incluam referências a legislação, recomendações ao governo, decisões políticas e críticas / necessidades do setor público.	26
Representação e apoio			
	Apoio e Formações	<i>Posts</i> que têm a intenção de melhorar a vida das pessoas LGBTQI+. Estes incluem ofertas de produtos como <i>bindings</i> , explicação da terminologia adequada a utilizar, e divulgação de formações sobre questões trans e LGBTQI+.	47
	Divulgação	<i>Posts</i> que pretendem divulgar projetos, estudos, voluntariados, recrutamentos feitos pela e para a comunidade LGBTQI+.	13
	Visibilidade Direta	<i>Posts</i> que recorrem a pessoas da comunidade LGBTQI+ (especialmente trans) para comentar determinados temas, dando-lhes voz.	19
	Eventos / Encontros	<i>Posts</i> que pretendem convidar pessoas LGBTQI+ (incluindo trans) a participarem em eventos organizados pelo perfil.	8

Tabela 2 – Codebook (lista de temas e códigos com a sua definição) realizado com recurso à plataforma MAXQDA

a. Referências

A utilização de referências LGBTQI+ mostra-se comum para estes perfis, uma vez que 8 em 10 recorre às mesmas. Estas referências têm o objetivo de não só homenagear, mas também sensibilizar e inspirar quem segue para a luta pelos seus direitos.

Um dos momentos políticos que se apresenta mais inspirador para esta comunidade é a revolta de Stonewall, de 1969. A referência repetida ao longo dos segmentos retrata o momento histórico, assim como o papel das suas intervenientes Marsha P. Johnson e Sylvia Rivera, duas mulheres trans que lutaram pelos direitos das pessoas transgénero.

'52 anos, no dia 28 de junho, a polícia invadiu o bar de Stonewall em Nova Iorque, que era frequentado por pessoas LGBTQI+. Esta invasão provocou um motim protagonizado por pessoas LGBTQI+ racializadas e, hoje em dia, homenageamos esse momento de revolta através da Marcha do Orgulho. Já muito se conquistou pelas pessoas LGBTQI+ mas ainda há muito a fazer, nas palavras de #Marsha P Johnson — “não há liberdade para todos enquanto não houver liberdade para todos”. @associacaoanemona

As outras duas referências mais citadas são duas mulheres trans que foram mortas por razões transfóbicas, nomeadamente Gisberta (de nacionalidade brasileira, residente em Portugal) e Rita Hester (afro-americana). Estas referências sensibilizam a população para a violência que ainda existe no século XXI e dão a conhecer a história da comunidade trans em Portugal e a nível internacional.

Para as pessoas que fazem parte desta comunidade, este tipo de publicações é uma forma de expor a sua luta e sentirem-se representadas por figuras com quem partilham identidade.

'Hoje relembramos uma pessoa muito importante para a comunidade LGBTQIA+ em Portugal: Gisberta Salce, símbolo de resistência. Mulher trans, imigrante, brasileira, trabalhadora do sexo, em situação de sem-abrigo e que vivia com VIH. Nascida em São Paulo, imigrou para a Europa ao tentar fugir a uma vaga de homicídios contra pessoas trans na sua cidade natal. Faleceu dia 22 de fevereiro de 2006, no Porto, vítima da mesma violência transfóbica que mata centenas de outras mulheres todos os anos.'
@associacaoanemona

Por fim, em jeito de homenagem, existem publicações que assinalam o falecimento de algumas mulheres trans, por falta de condições de vida, em Portugal. Isto pode servir para mostrar a necessidade de apoiar esta comunidade com diversos tipos de recursos.

b. Celebrações

Tal como no código ‘Referências’, as publicações referidas neste código têm como objetivo assinalar momentos históricos para a comunidade, que culminaram na criação de dias de celebração. Estas publicações dão a oportunidade à comunidade LGBTQI+, e em especial à comunidade trans – comunidades historicamente discriminadas – terem vários dias por ano em que a sua existência é celebrada, contribuindo para a criação de um sentimento de pertença.

Relevante para esta dissertação, uma das celebrações mais frequentes diz respeito ao Dia Internacional das Pessoas Não-Binárias, celebrado a 14 de julho, que apesar de não ser uma identidade de género legalmente reconhecida, pode ganhar alguma visibilidade através destas associações, cujo o objetivo é de dar a conhecer ao público das redes sociais identidades que vão para além do *mainstream*, assim como as suas bandeiras e os direitos pelos quais lutam.

‘Hoje comemora-se o Dia Internacional das Pessoas Não-Binárias, lembrando-nos que existem mais realidades para além do binário de género (homem/mulher), que todas as identidades definidas para além deste são válidas e devem ter direito ao seu reconhecimento. Porém, apesar de ser um dia de celebração, não podemos esquecer que ainda há um longo caminho a percorrer para garantir o reconhecimento legal destas identidades, garantir que há uma educação para a diversidade de género e uma aposta em cuidados de saúde de qualidade para, de um modo geral, diminuir a violência estrutural que afeta estas vidas. Este é um dia em que queremos promover estas vivências e em que queremos celebrar e abraçar a sua existência, lembrando-nos que a visibilidade é importante, que a existência de modelos e referências é extremamente necessária e que a sua inclusão é urgente!’ @ilgaportugal

Existem mais duas datas que importa referir dada a importância da sua celebração nestes perfis: o Dia Internacional da Visibilidade Trans, celebrado a 31 de março -, que nos últimos anos promove uma união das várias associações na convocação e divulgação de uma manifestação pelos direitos trans, e o Dia Internacional contra a Homofobia, Transfobia e Bifobia, que para além do papel para com a comunidade trans, também representa toda a comunidade LGBTQI+.

c. Explicação (Definições) e Dados

Podemos estabelecer uma associação entre comunicação e educação. Entre outros fatores, a demora na atualização dos currículos escolares no que diz respeito à sexualidade – num sentido mais inclusivo e abrangente -, assim como o tempo que pode levar para a instituição e normalização de novos conceitos na sociedade, criou a necessidade de recorrer aos novos média como forma de transmitir conhecimento e dar alguma representação que não obtinham por outras vias, nem de forma tão acessível.

Este código apresenta-nos correspondências significativas para duas possíveis abordagens, diferentes, mas complementares entre si: 1. Mostra-nos a urgência que existia em explicar e definir novos conceitos relacionados com a identidade de género à sociedade civil; 2. Indica como agir perante a comunidade trans de forma não discriminatória e respeitadora, com o recorrer à explicação da linguagem inclusiva e dos pronomes neutros.

As publicações recolhidas refletem uma preocupação especial para com determinados conceitos, que aparecem referidos várias vezes ao longo da codificação. Entre eles, a definição de pessoa trans, não-binária e intersexo e as variações de cada conceito, recorrendo a uma linguagem acessível e questões relacionadas com os mesmos, como a explicação do processo de transição, o uso dos nomes e pronomes corretos, e a partilha de experiências com objetos como o ‘*binder*’ – objeto utilizado com o objetivo de comprimir as mamas para disfarçar o volume e deixar o tórax com molde mais retilíneo e/ou, com aspecto menos feminino (*La Liberté Store*, 2023) -, por exemplo.

‘Vamos falar sobre deadnames. O que é um deadname? Basicamente, o deadname é o nome que a pessoa costumava usar antes de se descobrir Trans, ou o nome de nascença da pessoa. Deadname, traduzido literalmente significa Nome Morto. Porque não usar? Muitas pessoas Trans ficam incomodadas, e até disfóricas com o uso do seu deadname, porque as lembra de alguém que elas não são. Também causa muita tristeza à pessoa, especialmente se a pessoa a usar o seu Deadname souber que ela é trans, porque dá a sensação que ela não a vê como tal.’ @trans_education_pt

Também neste código, é evidenciado a preocupação destes perfis para com o estado da discriminação LGBTQI+ em Portugal. São partilhados diversos estudos que tentam sensibilizar para o impacto da transfobia estrutural na qualidade de vida das pessoas trans.

‘A cada 5 segundo suicida-se uma pessoa LGBTQI+, isso significa que quando acabares de ler este posts, pelo menos +5 pessoas terão tentado ou cometido suicídio, jovens trans tentam o suicídio 7.7 vezes + que jovens CIS; jovens trans morrem 3.5 vezes + por suicídio que jovens CIS; a probabilidade de suicídio aumenta quando a família não aceita a orientação ou identidade. @INEM @MINSAUDE @direcao_geral_saude @cig_igualdade está na hora de criarmos formulários de registo adequados às necessidades das populações mais vulneráveis.’ @plataforma.transparente*

d. Manifestações

As redes sociais online, como demonstrado ao longo da revisão de literatura, têm um papel muito importante na promoção e crescimento dos movimentos sociais. Com o alcance que as mesmas permitem, torna-se mais fácil divulgar aquando a convocação de manifestações presenciais. Desta forma, alguém que não tenha qualquer ligação a estas associações / plataformas pode ter conhecimento destas marchas pelo Instagram.

As manifestações são promovidas por estes perfis com o objetivo de reivindicar direitos para esta comunidade, sensibilizando o máximo número de pessoas, fora e dentro da comunidade. Por vezes, as manifestações são promovidas não são só com propósito de celebrar, mas também de denunciar e protestar contra a discriminação.

Por consequência da escolha de perfis com foco na comunidade trans, a manifestação mais referida ao longo das publicações é a manifestação de 31 de março, que celebra o Dia da Visibilidade Trans. Para além da criação, divulgação, e promoção destas manifestações, estes perfis expõem a importância de comparecer às mesmas, e alertando para a necessidade de lutar pelos direitos mediante ocupação de espaços públicos, e celebrar estas identidades de forma segura. As manifestações são promovidas como um meio de luta pela obtenção dos direitos que ainda não foram alcançados, e reforçando-se que quanto mais pessoas as frequentarem, mais força é dada à comunidade.

‘Ocupar a rua é um acto de amor ao corpo que não se deixa silenciar, pessoas que não se conformam ao género normativo continuarão a existir nos espaços públicos, não haverá outra opção se não fazer ruído’ @redeexaequo

Neste código incluímos também publicações realizadas pós-manifestações em que são fotografados cartazes e pessoas, e que dando visibilidade a quem participa.

e. Estudos de Investigação

Devido à limitação do número de publicações escolhidas, este é o código que apresenta menos correspondências. No entanto, não deixa de ser relevante referir o papel destas associações na promoção de estudos de investigação relacionados com a comunidade trans e LGBTQI+. Geralmente estes perfis são seguidos na maioria por pessoas destas comunidades e, por este motivo, facilitam o processo de respostas a estes estudos. Estes estudos constituem uma forma de dar visibilidade às pessoas trans, podendo contribuir diretamente para os seus resultados.

‘Precisamos de ti! O Maior Inquérito #LGBTQI Da UE Precisa De Ti, Urgentemente! Ainda não respondeste ao maior inquérito LGBTQI da Europa? Se és uma pessoa #Lésbica, #Gay, #Bissexual, #Trans, #Intersexo ou #Queer, tens mais de 15 anos e vives na Europa, então a Agência Europeia para os Direitos Fundamentais precisa urgentemente de ti.’ @plataforma.transparente

f. Denúncias

As redes sociais online deram a oportunidade à comunidade LGBTQI+, e em especial à comunidade trans, de denunciar as várias formas de discriminação e de transfobia a que são sujeitas. A maioria das publicações tem como objetivo denunciar os meios de comunicação quando estes se referem a pessoas trans com os nomes ou pronomes errados, mostrando não haver um esforço para adotar e promover uma linguagem inclusiva.

‘Esta tarde a SIC lançou uma notícia que continha o nome morto do Rose, que foi insensível não só pela maneira como o disseram mas também pelo que disseram. Apesar de Rose ter sido um menino cisgénero (cis = não ser trans) Rose tinha nome morto, e esse nome não devia ser espalhado para milhares de pessoas o verem’

Recentemente, também tem sido dado palco a opiniões transfóbicas nos meios de comunicação através de artigos que questionam a utilização dos pronomes neutros e a identidade trans.

‘Nos últimos dias, vários jornais têm publicado artigos de opinião com afirmações transfóbicas que deixaram muitas pessoas trans e não binárias com medo pelo seu futuro. É dever dos jornais não perpetuar discurso de ódio que é crime. A liberdade de expressão exercida pelos autores destes artigos não é um direito que se sobreponha aos direitos fundamentais.

Se é uma pessoa trans: lembra-se, estas ‘opiniões’ não te definem. Estes artigos de opinião dizem mais sobre a posição dos jornais do que sobre pessoas trans. Tu és Válida.’
@trans.missao

Também no que diz respeito ao registo presencial, estes perfis utilizam as redes sociais para fazer notas de repúdio e denunciar espaços que praticam ações transfóbicas e situações de agressões físicas a pessoas da comunidade trans.

‘Nota de repúdio ao Dote Cervejaria Moderna:
Essa semana nosso companheiro Bruno sofreu uma sequência de violências, física, institucional, e policial, depois de afirmar-se um homem Trans na empresa que trabalhava. Bruno foi demitido do restaurante Dote Cervejaria Moderna e no dia 3 de dezembro foi agredido e expulso da cervejaria por cinco homens depois de solicitar seu pagamento pelos dias de trabalho. Ao acionar a polícia foi descredibilizado e silenciado.’
@casa_t_lisboa

g. Questões Políticas e Legislação

A implementação de legislação inclusiva é uma das formas mais relevantes de dar visibilidade a uma comunidade, já que contribui para a normalização da mesma perante a sociedade, através da obtenção de direitos iguais. Estes perfis utilizam redes sociais online como o Instagram, para assinalar novas conquistas políticas, sociais e legais e para chamar à atenção para o que ainda falta fazer nesse sentido. As preocupações com este âmbito são transversais a todos os perfis analisados, o que nos pode levar a concluir que as lutas políticas e sociais constituem uma prioridade para as pessoas trans.

Ainda assim, esta preocupação não se reduz às leis aprovadas pelo governo e às decisões políticas executivas, estendendo-se pelos vários setores públicos como a saúde, a educação, o mercado de trabalho, uma vez que têm impacto direto na qualidade de vida

destas pessoas. É de assinalar também publicações que incentivam a um voto político inclusivo em partidos que promovam os direitos da comunidade trans, apelando para estas serem tidas em conta aquando das eleições.

‘vota como se o teu irmão fosse homossexual, a tua casa estivesse a arder, a tua pele não fosse branca, a tua esposa fosse emigrante, não tivesses água potável para beber, o teu bairro tivesse inundado, os teus pais tivessem doentes, a tua filha fosse vítima de assédio sexual. Vota como se a tua vida dependesse do teu voto!’ @dezanovept

Denunciam também a falta de dedicação política de alguns agentes políticos:

‘A Câmara votou mas Moedas ignorou. A bandeira Trans não foi hasteada no edifício dos Paços do Concelho. Por isso, os gabinetes dos vereadores do Livre, BE e cidadãos por Lisboa, cumprindo a deliberação, hastearam a bandeira no edifício dos seus gabinetes. #TransDayOfVisibility’ @dezanovept

h. Apoio e Formações

Este código representa o código com mais correspondências e um dos únicos que é transversal a todos os perfis da análise, demonstrando a preocupação central que existe em utilizar o Instagram para ajudar o maior número de pessoas possível nas diversas vertentes.

Esta ajuda tem sido realizada através da criação e divulgação de formações e workshops inclusivos onde são explicados os conceitos relacionados com a comunidade trans a pessoas que têm proximidade com a mesma, mas que são, à partida, pouco instruídas no assunto.

Também neste âmbito, as associações demonstram preocupação em criar guias de ajuda à compreensão destes temas. As publicações relacionadas com os mesmos encontram-se classificadas sob este código, uma vez que representam uma forma de apoio para as pessoas pertencentes a esta comunidade.

‘Todos os meses recebemos pedidos de pais, familiares ou responsáveis parentais que pretendem apoio para uma situação que até então nunca tinham ouvido falar! E a

mensagem começa sempre: O meu filho / A minha filha diz-me que é #trans e agora o que é que eu faço?

- Como sei se é ou não uma questão de #identidadedegénero?

- Como sei que não é só uma moda?

- Como posso fazer para iniciar o processo de acompanhamento psicológico para mudança de género ou sexo?

Prontamente damos a quem nos procura toda a informação que precisam sobre como iniciar um processo de afirmação de género, antigamente conhecido como processo de mudança de género ou mudança de sexo.

*De seguida, recomendamos que caso a família necessite de um acompanhamento personalizado às necessidades da criança ou adolescente, e queira ser encaminhada para as melhores equipas e unidades nacionais, consoante as suas capacidades económicas, que marque uma sessão informativa connosco. Durante uma hora e meia, ouvimos a família, a criança ou adolescente, e oferecemos as melhores soluções ao caso em concreto. A #responsabilidadeparental não é sobre #deixemascriançasempaz mas sim sobre trazer à luz o caminho de descoberta da sua identidade, seja ela qual for.’
@plataforma.transparente*

No entanto, também é oferecido outro tipo de ajuda à sociedade civil enquanto forma de agilizar processos administrativos, como a intervenção direta nas escolas no sentido de as tornar mais inclusivas através de sessões de formação para o universo escolar – educadores, professores/as, funcionários/as/es – , criando assim condições para a existência sem discriminação de pessoas da comunidade trans numa escola.

*‘Queres tornar a tua universidade num espaço mais inclusivo? Já ouviste falar sobre WC neutras? Em conjunto com vários coletivos, associações e núcleos de diferentes instituições de ensino superior em Portugal criámos uma iniciativa para perceber a opinião em relação a casas de banho neutras nestas instituições. Para isso, basta responderes a este rápido questionário sobre o tema! Por favor, partilha também com as tuas amigas para que possamos alcançar o máximo de pessoas possível! Link na bio ✨’
@transmissao*

Entre outras formas de apoio refletidas ao longo das publicações, é de dar relevância aos apoios e incentivos financeiros fornecidos por estas associações. Isto inclui constantes angariações de fundos com o propósito de facilitar os processos de transição que muitas vezes têm custos elevados, bem como a oferta e explicação sobre produtos que possam melhorar de certa forma questões como a disforia de género, relacionadas com a vivência enquanto pessoa trans e LGBTQI+, nomeadamente *binders*, e a sexualidade de forma gratuita.

‘Estamos a fazer um giveaway de produtos de afirmação de género!’

Para participares no giveaway basta:

- 1. Seguires a @redeexaequo e a @transmissie*
- 2. Meter gosto nesta publicação*
- 3. Preencher o formulário – o link para o formulário está disponível na bio*
- 4. OPCIONAL: partilha este post com duas pessoas importantes para ti. As fotografias presentes no post são alguns dos produtos que temos disponíveis. No entanto, não temos fotos das cuecas para não retirarmos este produto da sua embalagem por questões de higiene.’ @redeexaequo*

Por fim, também transversal a todos os perfis analisados, encontramos publicações em que é oferecido apoio direto seja com recurso a profissionais, ou com o intuito de oferecer uma voz amiga aquando um momento solitário no descobrir de identidade.

‘Se a tua família não te aceita, nós somos a tua família agora!’

Bebe água, Por favor, tem cuidado! Descansa, Conduz com precaução, Alimenta-te, Toma a tua medicação’ @dezanovept

‘Se fores vítima de qualquer forma de violência e não sabes o que fazer... Anda ter connosco. #centrogis

#lgbti #pride’ @centro_gis

i. Divulgação

Estes perfis utilizam a visibilidade que as redes sociais lhes permitem para divulgar projetos e trabalhos de pessoas da comunidade trans e LGBTQI+, contribuindo para que elas tenham ainda mais sucesso nas respetivas áreas em que se encontram inseridas.

Nos segmentos codificados existe uma prevalência de projetos relacionados com a arte, nomeadamente a nível da música, tatuagens, teatro, sessões de conversas e literatura.

‘voz arco iris – conta-nos a tua história LGBTI em Português

Envia-nos o teu texto em prosa ou poesia, ficção ou realidade para:
dezanovept@gmail.com

Novidades em breve.

O site dezanove criou este projeto com o objetivo de dar cor, voz e expressão à comunidade lgbt através da escrita, seja esta em poesia ou prosa, ficção ou realidade e nas mais diferentes estéticas, modos ou estilos com as seguintes normas de participação.’
@dezanovept

Este código inclui também contributos de pessoas assumidamente LGBTQI+ em que lhes é dada a voz para representarem a comunidade.

‘Onde estão as mulheres lésbicas e as pessoas trans e ‘queer’ na cultura portuguesa? Há um teto difícil de romper. E talvez para romper esse teto e conseguires ter um impacto cultural ou mediático seja preciso que te controles muito’. Lila Fadista, das Fado Bicha, fala sobre a falta de visibilidade de pessoas LGBT na sociedade portuguesa.’
@ilgaportugal

j. Visibilidade Direta

Este código inclui as publicações que, de alguma forma, deem voz a membros da comunidade trans para partilharem a sua história, experiência e opiniões sobre determinados temas. Estas publicações incentivam à partilha de fotos e vídeos de testemunhos dos processos pelos quais passaram enquanto pessoas desta comunidade.

Geralmente, existe a preocupação de referir o nome e os pronomes da pessoa a ser exposta, de forma a que esta represente uma referência para outras pessoas e a promova uma proximidade. O contacto direto com pessoas com as mesmas experiências cria uma

sensação de visibilidade para quem segue estes perfis, como esclarece questões que noutra plataforma não iriam obter respostas.

‘Queres participar neste projeto? Grava um vídeo de cerca de 30 segundos onde te apresentas e nos dizes brevemente porque é que a visibilidade é importante ou o que esta significa para ti. Se quiseres, podes pronunciar a frase “Hashtag TransEVisível” para acabar. Envia-nos o teu vídeo até dia 29 deste mês e posta-o nas redes sociais com a hashtag #TransEVisível’ @trans.missao

As redes sociais online permitem que esta comunidade aborde as suas vidas e a sua existência de forma livre, já que, na sua maioria, é condicionada por uma agenda e existe uma valorização da sinceridade e transparência da parte de quem as utiliza.

(contextualização: reels – vídeo curto – acerca do início do processo de transição de Andreo, em que o mesmo fala na primeira pessoa com a sua cara visível sobre a sua experiência enquanto pessoa trans)

‘Esta é a primeira parte da minha história. Uma história que definiu quem sou hoje...

E tu, já passaste por algo semelhante? Comenta aí’

#transgenero #transiçãodegênero #lgbtportugal’ @plataforma.transparente

k. Eventos / Encontros

A maioria das publicações segmentadas neste código dizem respeito ao perfil da associação Ilga Portugal. Sendo uma das associações mais antigas na luta pelos direitos LGBTQI+ em Portugal, tem mais visibilidade do que as restantes páginas (mais seguidores inclusive), e, por isso, uma maior rede de participantes em convívios, e encontros que não têm objetivos para além de conhecer outras pessoas da mesma comunidade e partilhar experiências entre si.

‘Perspetivas na lei e na saúde para as comunidades trans, não binárias e em questionamento

30 de setembro – centro LGBTQI+. 🗨️ NOVO HORÁRIO PARA A 1.ª JORNADA TRANS DO GRIT 🗨️ O Grupo de Reflexão e Intervenção Trans (GRIT) organiza a 1.ª Jornada

Trans, um evento político e comunitário que visa construir pensamento e linhas de ação através do debate e diálogo entre as pessoas trans, não-binárias e em questionamento identitário.’ @ilgaportugal

‘O futuro é Trans 🏳️ Vestes o teu melhor outfit retrofuturista, teleporta-te para a Cyber Trans Party no Centro LGBTI+ e vem dançar ao ritmo dos electronic bits de Dani Bento, nesta festa organizada pelo GRIT – Grupo de Intervenção e Reflexão Trans.

📅 sábado, 29 de julho

🕒 a partir das 21h

📍 Centro LGBTI+

🎟️ entrada gratuita

Vem dançar, conhecer pessoas novas e celebrares-te em todo o teu esplendor! 🎉
@ilgaportugal

Também neste sentido, todos os anos é realizado, pela @redeexaequo, um encontro nacional de jovens trans.

Outros aspetos relevantes (para além das publicações)

a. Hashtags

As *Hashtags* são importantes nas redes sociais, uma vez que permitem a quem utiliza encontrar facilmente temas pelos quais têm interesse. No caso destes perfis, são uma forma de partilhar conteúdo com páginas internacionais, e as suas publicações serem apresentadas junto das publicações destas páginas, dando visibilidade às questões trans e LGBTQI+ nacionais.

Hashtags mais utilizadas ao longo das publicações recolhidas:

#LGBT #Trans #nonbinary #pridemonth #transgenero #lgbtportugal #queer #transfobia

b. Comentários

A maioria dos comentários feitos nas publicações recolhidas são comentários de apoio e concordância. Na sua maioria, estes são escritos com pouco texto e existe uma predominância do uso de *emojis* com corações e aplausos. Nas publicações que analisámos, não foram encontrados comentários abertamente transfóbicos ou anti pessoas LGBTQI+, o

que nos pode levar a tirar duas possíveis conclusões: 1) estas páginas pretendem ser um espaço seguro para com as comunidades que as seguem, o que pode levar à eliminação de comentários negativos com o objetivo de não terem repercussões negativas em quem os pode ver; 2) podem simplesmente não existir quaisquer comentários negativos, porque pode existir a perceção de que os mesmos serão denunciados, por exemplo. No entanto, consideramos esta segunda opção menos aplicável do que a primeira, uma vez que nas redes sociais encontramos visões transfóbicas com facilidade. Por este motivo, recomendamos a confirmação destas hipóteses posteriormente com quem administra estas páginas.

Importa, contudo, realçar a existência de comentários de pessoas das próprias comunidades a chamar à atenção para erros cometidos pelos perfis, em que às vezes não são tão inclusivos quanto pretendem ou apresentam definições pouco esclarecedoras.

‘a não adesão de pessoas não brancas não pode ser desculpa para falta de uma acção interseccional. Não se a vossa organização esteja consciente da sua própria branquitude, cabe a vocês trabalharem nisso daqui pra frente. Já basta os espaços políticos brancos cisheteronormativos usarem essa desculpa, não precisamos reproduzir a lógica deles.’
@azulokeji (comentário realizado numa publicação da página @trans.missao)

3.2 Análise temática

a. Contextualização e educação

Como referido na revisão de literatura, os meios de comunicação, nomeadamente as redes sociais online podem ser importantes aliadas no início de uma luta político-social por mais direitos, principalmente numa comunidade à partida marginalizada pelo *mainstream* (McInroy & Craig, 2015). Estas permitem que as pessoas tenham a sua própria voz, e que ‘tomem as rédeas’ dos termos que lhes são atribuídos, e da forma como querem ser tratadas ou faladas.

Segundo McInroy & Craig (2015) os média são a principal fonte de informação para as pessoas, sejam da comunidade trans ou não, obterem informação acerca das questões relacionadas com esta comunidade. Logo, a representação mediática que existe, influencia diretamente as atitudes e perceções gerais criadas à volta destas comunidades (McInroy & Craig, 2015). Com os média predominantemente heteronormativo e cisheteronormativos, a democratização criada pelos novos média, contribuiu para que a

comunidade trans os utilizasse como forma de educar a sociedade para os tópicos que lhe dizem respeito.

A análise da codificação feita previamente demonstra-nos precisamente que existe a necessidade das pessoas desta comunidade, em conjunto com a comunidade LGBTQI+, de explicar os termos que definem a sua identidade. Os três códigos agrupados a este tema estabelecem as três dimensões a que estes perfis mais recorrem para dar visibilidade à comunidade trans através da educação e sensibilização para os problemas que a afetam.

Primeiramente, o código ‘Referências’ pretende dar a conhecer figuras que tiveram algum contributo para a luta dos direitos desta comunidade. As referências têm um papel importante para homenagear e relembrar os atos históricos praticados por esta comunidade ao longo dos anos, contextualizando quem segue estas páginas para a luta que foi necessária travar contra a transfobia no passado recente. Ao mesmo tempo, promove uma identificação das pessoas pertencentes à comunidade trans que raramente obtêm noutro tipo de média – como o *mainstream* – que assinala sobretudo atos históricos normativos e não inclusivos. Este problema estende-se aos currículos escolares que apresentam pouca preocupação com educar acerca dos momentos históricos relevantes para esta comunidade. Desta forma, a partilha nas redes sociais online constitui uma das únicas maneiras de educar sobre estes acontecimentos.

Em segundo lugar, o código ‘Celebrações’ foca-se em assinalar dias relevantes para a comunidade trans. Este código é transversal a todos os perfis, mostrando a importância que tem, para as pessoas que seguem, a celebração da sua existência. Podemos inferir pelos comentários afetos às publicações analisadas que estas provocam um sentimento de pertença nas pessoas visadas pelas mesmas. Estas também podem contribuir para que estas pessoas sejam lembradas e dadas a conhecer a quem não faça parte da comunidade, educando-as para os assuntos relacionados com a comunidade LGBTQI+.

Por último, o código ‘Explicações (Definições) e Dados’ demonstra a importância destes perfis serem geridos por pessoas da comunidade que representam. Isto é visível pelas definições apresentadas serem geralmente feitas na primeira pessoa, e tentarem sensibilizar para a importância que estas têm no dia-a-dia de alguém que se identifique como trans. O papel positivo que estas publicações têm na visibilidade destas comunidades pode ser argumentado com o estudo realizado por Kelleher & Moreno (2020) que concluiu que os jovens estão cada vez mais dispostos a usar as redes sociais para obter conhecimentos acerca de saúde sexual, e que dão credibilidade à informação que encontram online. A

existência destes perfis e destas páginas permite aos jovens ganharem conhecimentos sobre as suas identidades num período de questionamento, para além de saberem que existem outras pessoas a passar pela mesma situação. Prova disto é que nos Estados Unidos, por exemplo, os jovens pertencentes à comunidade LGBTQI+ procuram 5x mais informação relacionada com saúde e identidade do que os jovens não-LGBTQI+ (Manduley et al., 2018)

Também nos segmentos associados a este código, encontramos definições e sugestões para alguém que se encontre no processo de transição, seja porque explicam formas de combater a disforia de género, seja porque passam a conhecer todo o processo pelo qual é preciso passar. As informações obtidas num contexto *online*, têm consequências diretas num contexto *offline*, já que permitem esclarecer possíveis dúvidas acerca da experiência enquanto pessoa trans e em questionamento de identidade de género (McInroy & Craig, 2015).

Concluindo, este tema teve como objetivo demonstrar o papel que as publicações educativas e de contextualização sobre a comunidade tem na visibilidade da mesma, e no sentimento de pertença.

b. Luta política e social

Apesar dos impactos positivos que as redes sociais online possam ter nos sentimentos de pertença referidos anteriormente, estes devem ser acompanhados de visibilidade política e social nos restantes contextos da sociedade. Este tema pretende ilustrar como as publicações realizadas por estes perfis dão enfoque à importância da luta política para a obtenção de direitos desta comunidade, o que posteriormente constitui uma forma de obter visibilidade. A visibilidade é considerada por Hanckel et al. (2019) um '*statement*' político principalmente em comunidades minoritárias e não normativas como a comunidade LGBTQI+, sendo por isso encorajadas a envolver-se politicamente. Por este motivo, encontramos uma relação direta entre a obtenção de direitos políticos e a luta pelos mesmos, com uma maior visibilidade para a comunidade trans na sociedade.

Aquando da análise do código 'Manifestações', conseguimos perceber que existe uma aposta na mobilização das pessoas para as manifestações através das redes sociais online. As manifestações são uma forma de luta política e são consideradas cruciais para a alteração dos direitos civis. Por este motivo, são referidas várias vezes em dois tipos de publicações distintos. Em primeiro lugar, pretendem que as pessoas que seguem estes perfis

frequentem as manifestações para que estas sejam o mais eficazes possível. As redes sociais vieram alterar esta forma de manifestação no *offline*, já que permitem a mobilização de muito mais pessoas do que as que conseguiam antes de estas existirem (Bennett, 2014). De seguida, são também divulgadas fotografias de cada manifestação mostrando que valorizam quem pôde comparecer.

Em relação ao código ‘Estudos de Investigação’, apesar de ser o código com menos segmentos codificados, conseguimos perceber com uma rápida análise a estes perfis, que os mesmos são usados com alguma frequência para obter testemunhos pessoais de pessoas destas comunidades. Os estudos de investigação podem ser um importante aliado para dar representação e visibilidade a quem participa nos mesmos, já que lhes dá a oportunidade de partilharem as suas experiências de vida e falarem na ‘primeira pessoa’ (Manduley et al., 2018). Para além disto, os estudos de investigação podem contribuir para a desmistificação de alguns preconceitos que possam relativamente à comunidade trans e LGBTQI+, uma vez que explicam os termos relacionados e transmitem confiança acerca da investigação realizada. Por este motivo, associamos este código a este tema, já que, na perspetiva adotada nesta dissertação, os estudos de investigação constituem uma forma de luta social e contribuem para a aceitação e normalização desta comunidade.

De seguida, voltando o nosso foco para o código ‘Denúncias’ estes perfis têm um papel importante na divulgação de casos de discriminação para com a comunidade trans, já que são seguidos por mais pessoas que os perfis individuais das pessoas que são discriminadas, o que permite atingir mais público e ganhar visibilidade para a transfobia que esta comunidade continua a sofrer. Estas publicações também pretendem corrigir erros e chamar à atenção para a discriminação praticada pelos meios de comunicação social, com esperança de que estes alterem os comportamentos em relação à forma como tratam as pessoas trans. O contributo que estas denúncias dão para a sensibilização contra a transfobia e para a união em prol desta comunidade fazem com que incluamos este código no tema, já que são importantes para a luta social e para a luta pela justiça.

Por fim, as publicações segmentadas no código ‘Questões Políticas e Legislação’ têm um papel direto e ativo na intenção de lutar politicamente destes perfis. Numa primeira instância, algumas das publicações analisadas celebram as conquistas que têm obtido ao longo do tempo no domínio legal e social, e que tiveram como consequência um aumento dos direitos da comunidade LGBTQI+. Por outro lado, estas publicações realçam as medidas e objetivos políticos que ainda faltam atingir em Portugal, denunciando a

necessidade de mais apoios sociais e políticos por parte dos partidos e da sociedade civil. Isto é visível na secção de contextualização legal desta dissertação, já que é referido a necessidade de aprovar mais medidas que melhorem a qualidade de vida das pessoas trans, e, mais concretamente das não-binárias, as quais não têm ainda reconhecimento legal. Como referido na codificação, este código tem segmentos transversais a todos os perfis, o que posiciona a luta política no centro dos objetivos da utilização das redes sociais online por parte destas comunidades.

Concluindo, com este tema quisemos analisar de que forma estes perfis utilizam as suas publicações para sensibilizar as pessoas para as necessidades políticas da comunidade trans (e LGBTQI+) e de que forma a obtenção e luta por direitos políticos pode ser positiva para a visibilidade destas comunidades, em Portugal.

c. Representação e apoio

Este tema pretendeu incluir os códigos com segmentos que contribuem diretamente para um aumento da visibilidade das pessoas trans, assim como para um aumento da compreensão da sociedade para com estas, resultando num aumento das condições e qualidade de vida. As redes sociais online, pelo seu fácil acesso a qualquer pessoa, permitem que exista abertura para vozes alternativas, que geralmente não aparecem nos media *mainstream*, o que resulta num aumento significativo da visibilidade dada à comunidade LGBTQI+ (Lissitsa & Kushnirovich, 2021). O aumento da representação e da visibilidade é um dos objetivos desta comunidade desde que começou o movimento pela luta dos seus direitos e com a possibilidade de terem as suas histórias partilhadas na primeira pessoa através das redes sociais online, é forma de concretizar esse objetivo.

Primeiramente, o código ‘Apoio e Formações’ representa um exemplo crucial de como utilizar as redes sociais online para proporcionar melhores condições de vida à comunidade LGBTQI+. Isto pode ser mostrado pela partilha de publicações em que o objetivo principal é ensinar e ajudar as pessoas a respeitar as pessoas trans e LGBTQI+ , nomeadamente em relação aos nomes e pronomes como estas querem ser tratadas. Este objetivo pode ser concretizado através de guias de ensino, ou através da partilha de formações realizadas com pessoas da comunidade. Numa sociedade como a portuguesa, em que a transfobia é ainda bastante prevalecente, como demonstrado previamente, a possibilidade de melhorar a relação da comunidade trans com as pessoas que as rodeiam revela-se essencial. Para além disto, alguns dos segmentos codificados oferecem ajuda

direta às pessoas desta comunidade, o que contribui para que estas pessoas se sintam vistas e apoiadas.

Em segundo lugar, o código ‘Divulgação’ constitui uma forma de apoio direta à comunidade trans, já que abrange publicações que divulgam projetos e angariações de fundos protagonizados por pessoas trans. Isto resulta num aumento de visibilidade para estas pessoas, já que veem o seu trabalho atingir um alcance mais significativo e um aumento dos contributos financeiros para os seus ‘*gofundme*’ – angariações que são feitas com o principal objetivo de obter fundos para processos de transição, como cirurgias ou como suporte para pessoas em situação de carência social, por exemplo. Este é um caso em que a comunidade LGBTQI+ necessita de visibilidade, uma vez que esta se traduz em apoio social e financeiro, e consegue obtê-la graças às redes sociais online.

Já no que diz respeito ao código seguinte ‘Visibilidade Direta’, tal como o nome indica, existe a preocupação por parte destes perfis de dar voz às pessoas da comunidade que representa. Este código pode ser usado para demonstrar duas possíveis formas de representação: 1) Estas publicações permitem que exista um aumento da representação de pessoas trans transversalmente às redes sociais, que não se encontra no contexto offline, o que normaliza a sua presença no espaço público, situação essa que não ocorre no contexto offline, assim normalizando a sua presença no espaço público, mesmo que *online*; 2) a existência de figuras concretas, com a sua experiência e opinião expostas, cria um sentimento de pertença em quem consome estas publicações, sobretudo nas pessoas que pertencem à mesma comunidade. Por estes motivos, este código cumpre todos os critérios para ser atribuído a este tema e para retirar conclusões sobre o papel destas publicações na visibilidade das pessoas trans.

Por último, o código ‘Eventos/Encontros’ inclui-se neste tema já que promove um apoio presencial às pessoas desta comunidade, através da criação e desenvolvimento de eventos que juntem várias pessoas que a ela pertencem, permitindo que os grupos e comunidades desenvolvidos online permaneçam num contexto *offline* e melhorem substantivamente o sentimento de pertença das pessoas trans. Estes encontros entre pessoas da mesma comunidade promovidos através do online, permitem aos jovens LGBTQI+ o acesso a referências – *role models* – que os podem ajudar com a partilha de experiências, e sobretudo num apoio emocional e social (Craig et al., 2021). Importa acrescentar que existe uma relação de codependência entre a visibilidade e este tipo de eventos, uma vez que, por um lado, estes eventos permitem que estas pessoas ganhem visibilidade perante outras na

mesma situação do que a sua, em termos de colocar visíveis alguns aspetos da sua identidade (Hanckel et al., 2019), o que pode resultar num aumento de bem-estar psicológico e mental. Por outro lado, a visibilidade que obtêm com estes eventos promove a criação de uma rede de apoio entre pares, onde podem coexistir em segurança e de forma livre.

O desenvolvimento deste tema leva-nos a concluir da importância que oferecer representação, apoio e espaço para que a comunidade trans se exprima pode ter na visibilidade da mesma, tanto a nível externo como interno. Tão importante como a validação que é dada pela sociedade a estas pessoas, é a validação dada pelos seus pares e por outras pessoas que fazem parte da mesma comunidade.

Conclusão

Esta dissertação pretendeu demonstrar de que forma as redes sociais online podem ser usadas como aliadas das comunidades minoritárias, mais concretamente da comunidade trans através da visibilidade que as mesmas permitem atingir. Apesar da evolução em termos jurídicos a que temos assistido nos últimos anos em Portugal, a comunidade LGBTQI+ continua a sofrer estigmatização e falta de representação nos media tradicionais, o que tem como consequência a perpetuação da discriminação que esta sofre a nível social.

Por este motivo, o aparecimento das redes sociais online deu aos movimentos sociais um novo contexto de luta para a obtenção dos seus direitos, permitindo-lhes maior alcance e dar voz às pessoas que os constituem. Atualmente, as organizações institucionais são um dos principais meios na luta pelos direitos da comunidade LGBTQI+, e consequentemente, da comunidade trans, uma vez que passa pelas mesmas a organização e promoção das manifestações em contexto *offline* e o agrupamento destas comunidades no contexto *online*.

Em Portugal, estas organizações encontraram nas redes sociais online um espaço onde podem comunicar, dar-se a conhecer ao público e denunciar a discriminação que esta comunidade continua a sofrer nos diversos contextos. No que diz respeito à análise realizada ao longo desta dissertação, as publicações analisadas demonstram que existe uma preocupação em dar visibilidade a vozes alternativas para contarem as suas experiências e para definirem os termos que tanto impacto têm na sua vida. Todos os tipos de publicações analisadas constituem uma diferente forma de dar visibilidade a esta comunidade, o que nos leva a concluir que as redes sociais online têm um papel fundamental na representação e aceitação das comunidades minoritárias, pelo menos em Portugal. Isto justifica-se pelo estudo realizado por Lissitsa e Kushnirovich (2021), que concluiu que quanto mais visibilidade damos a uma comunidade minoritária, menos discriminação esta vai sofrer, tanto interna como externamente.

Torna-se importante referir o papel negativo que as redes sociais online podem ter em comunidades que já são à partida discriminadas, ainda que este não seja o foco desta dissertação, uma vez que a mesma teve sempre em conta uma perspetiva de empoderamento para a comunidade abordada. As RSO permitem a qualquer pessoa efetuar comentários ofensivos e perpetuadores de estereótipos, assim como de desinformação o que pode ter repercussões negativas nas pessoas que os lêem. Esta transfobia é transversal e vai desde as redes sociais online aos media tradicionais, que muitas vezes não respeitam a identidade das pessoas que pretendem representar – como o exemplo de Rose, que foi várias vezes referido pelos pronomes errados nas notícias. No entanto, decidimos adotar uma perspetiva positiva

acerca do papel destes novos media, porque, segundo o estudo realizado por Craig et al. (2021), apesar da transfobia adjacente a estes, os benefícios que têm como consequência compensam a mesma. Ou seja, principalmente para pessoas transgénero, inclusive jovens, a informação a que têm acesso, experiências pessoais e o apoio no desenvolvimento da sua identidade mostram-se mais relevante do que os comentários negativos a que são sujeitos/as/es no contexto *online*. Até porque as RSO promovem uma sensação de comunidade e representação para estes jovens, que frequentemente não as têm neste contexto.

Por este motivo, com a análise feita nesta dissertação, concluímos que, na realidade portuguesa, as redes sociais online podem oferecer à comunidade trans visibilidade e representação, uma plataforma em que se podem expressar como quiserem, que não tinham por outros meios, até agora. Esta visibilidade tem contribuído para sensibilizar e educar quem segue estas páginas para a necessidade de lutar pelos direitos desta comunidade e, por consequência, para diminuir a sua discriminação.

Limitações

Por fim, importa mencionar as limitações que encontrámos no decorrer desta dissertação, assim como as limitações do estudo apresentado. Em primeiro lugar, o facto da perspectiva que adotei ao longo desta dissertação ser o de uma mulher cis, não LGBTQI+, pode influenciar a forma como decidi abordar os problemas da comunidade trans e LGBT+, bem como a interpretação dos dados recolhidos. Neste seguimento, a metodologia escolhida constitui uma das limitações do estudo que concretizamos. Apesar de a análise de conteúdo ter seguido os passos rigorosos que são esperados num estudo como este, devido à falta de recursos não foi possível garantir o nível de transparência e objetividade que poderíamos atingir com outros meios (como a contratação de um/a investigador/a para a codificação, por exemplo). assim como uma análise que abrangesse várias redes sociais online. Outra limitação relevante a considerar é a falta de representação de pessoas da comunidade LGBTQI+ ao longo do processo, que tentámos combater com a diversidade de associações escolhidas. Por último, devido à particularidade do tema e da análise realizada, esta dissertação não pretende fazer generalizações para outras comunidades minoritárias, já que cada comunidade deve ser analisada no contexto específico em que se insere. Por este motivo, esta dissertação deve limitar-se à realidade portuguesa de discriminação e ao uso que é dado às RSO pelos movimentos sociais em Portugal.

Bibliografia

- Beasley, C. (2005). *Gender & Sexuality: Critical Theories, Critical Thinkers*.
<https://doi.org/10.4135/9781446220498>
- Bennett, L. (2014). 'If we stick together we can do anything': Lady Gaga fandom, philanthropy and activism through social media. *Celebrity Studies*, 5(1–2), 138–152.
<https://doi.org/10.1080/19392397.2013.813778>
- Billard, T. J. (2021). Movement–Media Relations in the Hybrid Media System: A Case Study from the U.S. Transgender Rights Movement. *The International Journal of Press/Politics*, 26(2), 341–361. <https://doi.org/10.1177/1940161220968525>
- Burgess, J., Marwick, A., & Poell, T. (2018). Editors' Introduction. Em *The SAGE Handbook of Social Media* (pp. 1–10). SAGE Publications Ltd. <https://doi.org/10.4135/9781473984066>
- Calderon-Cifuentes, P. A., Köhler, R., Chiam, Z., Sevic, S., Berredo, L., Pogule, S., & Berredo, L. (2021). *Trans Discrimination in Europe. A TGEU analysis of the FRA LGBTI Survey 2019*.
- Caulfield, J. (2019, setembro 6). *How to Do Thematic Analysis | Step-by-Step Guide & Examples*. Scribbr. <https://www.scribbr.com/methodology/thematic-analysis/>
- Costanza-Chock, S., & Schweidler, C. (2017). Toward transformative media organizing: LGBTQ and Two-Spirit media work in the United States. *Media, Culture & Society*, 39(2), 159–184. <https://doi.org/10.1177/0163443716674360>
- Craig, S. L., Eaton, A. D., McInroy, L. B., Leung, V. W. Y., & Krishnan, S. (2021). Can Social Media Participation Enhance LGBTQ+ Youth Well-Being? Development of the Social Media Benefits Scale. *Social Media + Society*, 7(1), 2056305121988931.
<https://doi.org/10.1177/2056305121988931>
- Crenshaw, K. (1991). Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color. *Stanford Law Review*, 43(6), 1241–1299.
<https://doi.org/10.2307/1229039>
- DAVIES, I. (2010). Commercial Closet Association: LGBT Identities in Mainstream Advertising. Em *LGBT Identity and Online New Media*. Routledge.
- Diamond, M. (2002). Sex and Gender are Different: Sexual Identity and Gender Identity are Different. *Clinical Child Psychology and Psychiatry*, 7(3), 320–334.
<https://doi.org/10.1177/1359104502007003002>
- Equaldex. (2023a). Perceived Prevalence of Transgender Discrimination | Surveys.
<https://www.equaldex.com/surveys/perceived-prevalence-of-transgender-discrimination>
- Equaldex. (2023b, agosto 31). Equaldex. <https://www.equaldex.com/>
- European Union Agency for Fundamental Rights. (2020). *A long way to go for LGBTI equality*. Publications Office. <https://data.europa.eu/doi/10.2811/582502>
- Flick, U. (2014). *The SAGE Handbook of Qualitative Data Analysis*. SAGE Publications Ltd.

<https://doi.org/10.4135/9781446282243>

Gato, J. (2022). Discriminação contra Pessoas LGBTI+: Uma Revisão de Literatura Nacional e Internacional. Em S. Saleiro, N. Ramalho, & M. Santos de Menezes, *Estudo nacional sobre necessidades das pessoas LGBTI e sobre a discriminação em razão da orientação sexual, identidade e expressão de género e características sexuais*. COMISSÃO PARA A CIDADANIA E A IGUALDADE DE GÊNERO. https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2022/05/Estudo_necessidades_pessoas_LGBTI_discrimina_orienta_sexual_id_express_genero_caractrstcs_sexuais.pdf

Grupo Marktest. (2021). *Os Portugueses e as Redes Sociais*. Marktest Consulting.

Hanckel, B., Vivienne, S., Byron, P., Robards, B., & Churchill, B. (2019a). ‘That’s not necessarily for them’: LGBTIQ+ young people, social media platform affordances and identity curation. *Media, Culture & Society*, 41(8), 1261–1278. <https://doi.org/10.1177/0163443719846612>

Hanckel, B., Vivienne, S., Byron, P., Robards, B., & Churchill, B. (2019b). *Media, Culture & Society*, 41(8), 1261–1278. <https://doi.org/10.1177/0163443719846612>

Kelleher, E., & Moreno, M. A. (2020). Hot Topics in Social Media and Reproductive Health. *Journal of Pediatric and Adolescent Gynecology*, 33(6), 619–622. <https://doi.org/10.1016/j.jpag.2020.06.016>

Kiger, M. E., & Varpio, L. (2020). Thematic analysis of qualitative data: AMEE Guide No. 131. *Medical Teacher*, 42(8), 846–854. <https://doi.org/10.1080/0142159X.2020.1755030>

Lei n.º 7/2011, de 15 de março, Diário da República n.º 52/2011, Série I de 2011-03-15, páginas 1450-1451.

Lei n.º 38/2018, Diário da República n.º 151/2018, Série I de 2018-08-07 (2018). <https://data.dre.pt/eli/lei/38/2018/p/cons/20210723/pt/html>

Lissitsa, S., & Kushnirovich, N. (2021). Coevolution between Parasocial Interaction in Digital Media and Social Contact with LGBT People. *Journal of Homosexuality*, 68(14), 2509–2532. <https://doi.org/10.1080/00918369.2020.1809891>

Manduley, A. E., Mertens, A., Plante, I., & Sultana, A. (2018). The role of social media in sex education: Dispatches from queer, trans, and racialized communities. *Feminism & Psychology*, 28(1), 152–170. <https://doi.org/10.1177/0959353517717751>

McCay-Peet, L., & Quan-Haase, A. (2016). *A Model of Social Media Engagement: User Profiles, Gratifications, and Experiences* (pp. 199–217). https://doi.org/10.1007/978-3-319-27446-1_9

McInroy, L., & Craig, S. (2015). Transgender Representation in Offline and Online Media: LGBTQ Youth Perspectives. *Journal of Human Behavior in the Social Environment*, 25, 1–12. <https://doi.org/10.1080/10911359.2014.995392>

Oh, C. (2015). Queering Spectatorship in K-pop: The Androgynous Male Dancing Body and

Western Female Fandom. *The Journal of Fandom Studies*, 3.
https://doi.org/10.1386/jfs.3.1.59_1

Our glossary—ILGA-Europe. (2022, fevereiro 4). <https://www.ilga-europe.org/about-us/who-we-are/glossary/>

Pereira, M. do M. (2012). *Fazendo Género no Recreio—A negociação do género em espaço escolar*. Impresa de Ciências Sociais.

Ragin, C. C. (1994). *Constructing Social Research: The Unity and Diversity of Method*. Pine Forge Press.

Ramalho, N., & Santos de Menezes, M. (2022). O Enquadramento Jurídico dos Crimes de Ódio contra Pessoas LGBTI+. Em S. Saleiro & J. Gato, *Estudo nacional sobre necessidades das pessoas LGBTI e sobre a discriminação em razão da orientação sexual, identidade e expressão de género e características sexuais*. COMISSÃO PARA A CIDADANIA E A IGUALDADE DE GÉNERO. https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2022/05/Estudo_necessidades_pessoas_LGBTI_discrimina_orienta_sexual_id_express_genero_caractrstcs_sexuais.pdf

Ryan, G. W., & Bernard, H. R. (2003). Techniques to Identify Themes. *Field Methods*, 15(1), 85–109. <https://doi.org/10.1177/1525822X02239569>

Saiba o que é um binder! – La Liberté Store. (2023). Obtido 13 de outubro de 2023, de <https://www.lalibertestore.com/saiba-o-que-e-um-binder/>

Saleiro, S. (2022). Discriminação em função da Orientação Sexual, Identidade e Expressão de Género e Características Sexuais e Necessidades das Pessoas LGBTI+. Em *Estudo nacional sobre necessidades das pessoas LGBTI e sobre a discriminação em razão da orientação sexual, identidade e expressão de género e características sexuais*. COMISSÃO PARA A CIDADANIA E A IGUALDADE DE GÉNERO.

Saleiro, S., Ramalho, N., Santos de Menezes, M., & Gato, J. (2022). *Estudo nacional sobre necessidades das pessoas LGBTI e sobre a discriminação em razão da orientação sexual, identidade e expressão de género e características sexuais*. COMISSÃO PARA A CIDADANIA E A IGUALDADE DE GÉNERO. https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2022/05/Estudo_necessidades_pessoas_LGBTI_discrimina_orienta_sexual_id_express_genero_caractrstcs_sexuais.pdf

Schreier, M. (2014). *The SAGE Handbook of Qualitative Data Analysis*. SAGE Publications Ltd. <https://doi.org/10.4135/9781446282243>

TMM numbers. (2023). TvT. <https://transrespect.org/en/map/trans-murder-monitoring/>

Waggoner, E. B. (2018). Bury Your Gays and Social Media Fan Response: Television, LGBTQ Representation, and Communitarian Ethics. *Journal of Homosexuality*, 65(13), 1877–1891. <https://doi.org/10.1080/00918369.2017.1391015>

West, C., & Zimmerman, D. H. (1987). Doing Gender. *Gender and Society*, 1(2), 125–151.
World Health Organization. (sem data). *Gender and health*. Obtido 16 de maio de 2022, de

<https://www.who.int/health-topics/gender>

Worthen, M. G. F. (2016). Hetero-cis–normativity and the gendering of transphobia. *International Journal of Transgenderism*, 17(1), 31–57.
<https://doi.org/10.1080/15532739.2016.1149538>

ANEXOS

Publicações referidas ao longo da dissertação:

Associação Anémoma	Centro Gis
https://www.instagram.com/p/CNp2xOPBF6j/	https://www.instagram.com/p/By-aZOHI3Fd/
https://www.instagram.com/p/CN5TgjDl_li/	https://www.instagram.com/p/By-mhI_lMBZ/
https://www.instagram.com/p/CO-287drWDe/	https://www.instagram.com/p/BzLP8J8FHvC/
https://www.instagram.com/p/CP8qTgNLXUO/	https://www.instagram.com/p/BzfQSnllQ7T/
https://www.instagram.com/p/CQy90zzL7o_/	https://www.instagram.com/p/CANZVWgnRgG/
https://www.instagram.com/p/CdqfMjbMBoV/	https://www.instagram.com/p/CAsGapHHmj0/
https://www.instagram.com/p/Cd1AAI3F6Q2/	https://www.instagram.com/p/CBBXjoRnyuF/
https://www.instagram.com/p/CIgMok4qUXk/	https://www.instagram.com/p/CCo0vVDnU92/
https://www.instagram.com/p/CkOmy4JLBit/	https://www.instagram.com/p/CG2ryBaH6RF/
https://www.instagram.com/p/ChK3M--Lfuq/	https://www.instagram.com/p/CHz1H9Zn3ld/
https://www.instagram.com/p/CILUwoIK6Mg/	https://www.instagram.com/p/Cjki_5qsUFj/
https://www.instagram.com/p/CIzyYGNqC9r/	https://www.instagram.com/p/CaSNFV2tyxX/
https://www.instagram.com/p/CphthQDMHqF/	https://www.instagram.com/p/COIBWaiHxzf/
https://www.instagram.com/p/Co-MsCyM8Kg/	https://www.instagram.com/p/CP86Wj-H61A/
https://www.instagram.com/p/CqA3M16M6QF/	https://www.instagram.com/p/CMK2oZzHVmu/?img_index=1
https://www.instagram.com/p/CqYTBexsrIK/	https://www.instagram.com/p/CIeqhQBMNfA/
https://www.instagram.com/p/CuCIBjIMtYz/	https://www.instagram.com/p/CsD_3Q5MGQv/
https://www.instagram.com/p/CsMkC7HMCgA/	https://www.instagram.com/p/CT69HdhNIZB/
https://www.instagram.com/p/CrdcjwcIo2q/	https://www.instagram.com/p/CVU-KdCtmd9/
https://www.instagram.com/p/CN5TgjDl_li/	https://www.instagram.com/p/Cakcl2rtGQ7/

Ilga Portugal	Opus Diversidades
https://www.instagram.com/p/CHzxRhArLEH/	https://www.instagram.com/p/CofpsMHsaFd/
https://www.instagram.com/p/CHzxRhArLEH/	https://www.instagram.com/p/Cm7NgcXMhVi/
https://www.instagram.com/p/CE4EcnCHjB3/	https://www.instagram.com/p/CIL2-KpMzqM/
https://www.instagram.com/p/B-huAH9H_wF/	https://www.instagram.com/p/CgaxaXKo-iF/
https://www.instagram.com/p/B-ayFRln7CO/	https://www.instagram.com/p/CND6S4cHtyD/
https://www.instagram.com/p/B-Sd-vxnKTD/	https://www.instagram.com/p/CQwKyq4NYBa/
https://www.instagram.com/p/Bz6YqdKnWzX/	https://www.instagram.com/p/CRkTMVfNdi5/
https://www.instagram.com/p/BzQad1onXNj/	https://www.instagram.com/p/CVV3eXINPQW/
https://www.instagram.com/p/B42uxk-ANwK/	https://www.instagram.com/p/Cda5qhEtSQB/
https://www.instagram.com/p/B4lFTAth2nW/	https://www.instagram.com/p/CeYsaYYtCWb/
https://www.instagram.com/p/B628WaJjBgV/	https://www.instagram.com/p/CfC0znctyFq/
https://www.instagram.com/p/B7tXWrsnFxx/	https://www.instagram.com/p/CfRdCQONYhZ/
https://www.instagram.com/p/B9XbEqxnyZU/	https://www.instagram.com/p/Cf9r7nxtGOL/
https://www.instagram.com/p/CBvhMA8HW5w/	https://www.instagram.com/p/CgH4J7YtTwS/
https://www.instagram.com/p/CB3OJ_WnLSb/	https://www.instagram.com/p/CbqamyUtHId/
https://www.instagram.com/p/CxsnEH_Nb_e/?img_index=1	https://www.instagram.com/p/CgryRRHN_vq/
https://www.instagram.com/p/CxazXduNKQl/	https://www.instagram.com/p/CdyH9kStNuv/
https://www.instagram.com/p/Cu9aRF-NFSB/	https://www.instagram.com/p/Cg4nMYQNMEA/
https://www.instagram.com/p/CvC07sfNSbP/	https://www.instagram.com/p/CgNigkGNG4X/
https://www.instagram.com/p/CsJioAvtfzS/?img_index=1	https://www.instagram.com/p/CgSUdDrtgkp/

Trans Education PT	Trans.Missão
https://www.instagram.com/p/COOnSARVlx0u/	https://www.instagram.com/p/Bz5miAF1-ww/?img_index=1
https://www.instagram.com/p/COxrB8oliMW/	https://www.instagram.com/p/B9ePIseJJGb/
https://www.instagram.com/p/CO-G1VhrnFE/	https://www.instagram.com/p/CLHZRYVK8IH/
https://www.instagram.com/p/COsvp7dlrit/	https://www.instagram.com/p/CM2R2L1MBjh/
https://www.instagram.com/p/CO0ojT1lr_H/	https://www.instagram.com/p/CNFuTwUF6oN/
https://www.instagram.com/p/CTM2JaqoIjf/	https://www.instagram.com/p/CUGel_doXOB/
https://www.instagram.com/p/CR12SiIrBd4/	https://www.instagram.com/p/CWopLGrsiGk/
https://www.instagram.com/p/CVBEEjlonMY/	https://www.instagram.com/p/CXT-WImMPaR/?img_index=1
https://www.instagram.com/p/CVIZDw0o3VE/	https://www.instagram.com/p/CbgKiaMsqrw/?img_index=1
https://www.instagram.com/p/CPkt4BsLQn3/	https://www.instagram.com/p/Cd0z-AhMRza/?img_index=1
https://www.instagram.com/p/CZcVLI8oQQH/	: https://www.instagram.com/p/Cf_4GhxM3pL/
https://www.instagram.com/p/CYb2iVUI4pi/	https://www.instagram.com/p/CgR5iO7MN9R/?img_index=1
https://www.instagram.com/p/CbxzXVlr1hi/	https://www.instagram.com/p/CqfqAG6N-_T/
https://www.instagram.com/p/CakWFOZLg7x/	https://www.instagram.com/p/CrYe5DYt_4b/
https://www.instagram.com/p/CPGoJgPrpjp/	https://www.instagram.com/p/CsgV55btVad/
https://www.instagram.com/p/Cg0RXk0ovwQ/	https://www.instagram.com/p/CwsRpkjomTA/
https://www.instagram.com/p/CeW5KD5rKFy/	https://www.instagram.com/p/ChCvKXCsUEy/?img_index=1
https://www.instagram.com/p/Cdqy-9eIbpB/	https://www.instagram.com/p/CIL-wh-s7FJ/
https://www.instagram.com/p/CdLM03jolFm/	https://www.instagram.com/p/Cqf2472t2z4/
https://www.instagram.com/p/CO22nCzlyhL/	https://www.instagram.com/p/CsLt977NkiR/

Casa T Lisboa	dezanovept
https://www.instagram.com/p/CDwyEJiKUTV/?img_index=4	https://www.instagram.com/p/CcL4SvktX68/
https://www.instagram.com/p/CDjb59Njk0E/	https://www.instagram.com/p/CbvYurJtJNu/
https://www.instagram.com/p/CFZkJPQlySc/	https://www.instagram.com/p/CV8jzPstIl0/
https://www.instagram.com/p/CJ9pEGZsAm8/	https://www.instagram.com/p/CUBUOL4NE38/
https://www.instagram.com/p/CG5AAhkg2Jh/	https://www.instagram.com/p/CTImY-stNRq/
https://www.instagram.com/p/CKrGJljCtf/?img_index=1	https://www.instagram.com/p/CRpVNliNTGR/
https://www.instagram.com/p/CK6l3Hul0-m/?img_index=1	https://www.instagram.com/p/CVGJTGTNRQI/
https://www.instagram.com/p/CLuEQSpFR8K/?img_index=1	https://www.instagram.com/p/CYzrz25No8-/
https://www.instagram.com/p/CMc3tViB9PY/	https://www.instagram.com/p/CZZp4BeN8i-/
https://www.instagram.com/p/CNFuDOhj3Bw/	https://www.instagram.com/p/CbxfiKft1VE/
https://www.instagram.com/p/CWRWSjgsjJT/	https://www.instagram.com/p/CclQ8ODNpV7/
https://www.instagram.com/p/CXHlaa9sDXK/	https://www.instagram.com/p/CdazWCNtgud/
https://www.instagram.com/p/CfeQiXLMelV/	https://www.instagram.com/p/CdovjQWt6PJ/
https://www.instagram.com/p/ClMXCnTOMMN/	https://www.instagram.com/p/CuCNc1LtqPg/
https://www.instagram.com/p/CnWzFQJMEjJ/	https://www.instagram.com/p/CtBVA9LNgNH/
https://www.instagram.com/p/CnpInC_AWi9/	https://www.instagram.com/p/Cs8gpImtMy5/
https://www.instagram.com/p/CnxKmpSjQUa/	https://www.instagram.com/p/CqihKhateXH/
https://www.instagram.com/p/Cu9YaDqsgOl/	https://www.instagram.com/p/Ct1gl8PNKij/
https://www.instagram.com/p/CpNroBfMh7u/	https://www.instagram.com/p/CxBFEMoNrJ3/
https://www.instagram.com/p/CoxFg7qsMTG/	https://www.instagram.com/p/CswoHMzNAWT/

Plataforma Transparente	Rede Exaequo
https://www.instagram.com/p/CAQ2ASoBSzi/	https://www.instagram.com/p/CXFF996Nvh0/
https://www.instagram.com/p/CUFXL_0oKA7/	https://www.instagram.com/p/CIUDlx8nreZ/?img_index=1
https://www.instagram.com/p/Cbw5nnOoKCC/	https://www.instagram.com/p/B7QptxqnyXZ/
https://www.instagram.com/p/Cf_57QKINrm/	https://www.instagram.com/p/B9AO1P8na9X/
https://www.instagram.com/p/Cjk1fkWo7Ay/	https://www.instagram.com/p/B-aAyoPHcS4/
https://www.instagram.com/p/CkLrGB2Ifol/	https://www.instagram.com/p/CANkeolHWOcK/
https://www.instagram.com/p/Cjk01BJIYeX/	https://www.instagram.com/p/CIQwKVHHMy0/?img_index=1
https://www.instagram.com/p/Cp8GglwoXSE/	https://www.instagram.com/p/CJ4gN6DnMSa/?img_index=1
https://www.instagram.com/p/CqayDd9IA52/	https://www.instagram.com/p/CLnD713H4au/
https://www.instagram.com/p/Cqiwsyorm_/	https://www.instagram.com/p/CQyfKAhNgWc/
https://www.instagram.com/p/CrJa-vXoIDZ/	https://www.instagram.com/p/CSSwuDtoJ4g/
https://www.instagram.com/p/CtkSUX8IMqY/	https://www.instagram.com/p/CbyIXLmofRy/
https://www.instagram.com/p/CumVDiPu33B/	https://www.instagram.com/p/CITpRdNsKg3/?img_index=1
https://www.instagram.com/p/Cw_EoMssVMN/	https://www.instagram.com/p/CpIOexMq7Z0/
https://www.instagram.com/p/CxD2WgYMpFr/	https://www.instagram.com/p/CqDufCTMPxL/
https://www.instagram.com/p/CwnuimQIdor/	https://www.instagram.com/p/CuRzmw9MR35/
https://www.instagram.com/p/Cw0_I94oPz4/	https://www.instagram.com/p/CqdBLPGsEAn/
https://www.instagram.com/p/CkLsBP3IEz8/	https://www.instagram.com/p/CltsrNesiF7/?img_index=5
https://www.instagram.com/p/CsPLOu4oXxV/	https://www.instagram.com/p/Cs0fjmvMPQK/?img_index=1
https://www.instagram.com/p/CvII2MsMQVt/	https://www.instagram.com/p/CIHm48xMUoU/